



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO 146
SETEMBRO 2013



**Biblioteca
de Alexandria**
Prémio Calouste Gulbenkian

Prémios Gulbenkian

A Biblioteca de Alexandria, símbolo de conhecimento e de saber, foi a vencedora do Prémio Calouste Gulbenkian 2013. O galardão foi entregue ao seu diretor, Ismail Serageldin, o responsável pela transformação e consolidação da Biblioteca num polo multifacetado de cultura que recebe anualmente mais de 1,4 milhões de visitantes.

A West-Eastern Divan Orchestra, que junta músicos israelitas, palestinianos e de outros países árabes, foi a vencedora do Prémio 2012, só agora entregue. Daniel Barenboim, maestro e cofundador da Orquestra, afirma que este prémio é um incentivo para continuar o trabalho da orquestra, convidada para as mais prestigiadas salas de concertos do mundo.

10

Iniciativa Gulbenkian para os Oceanos

Promover a valoração económica dos serviços prestados pelos ecossistemas marinhos e costeiros, que mais não são do que os benefícios que retiramos da sua existência e funcionamento, é a missão da Iniciativa criada este ano pela Fundação Gulbenkian. Além de atribuir apoios financeiros a projetos externos que se enquadrem nos seus eixos de intervenção, a Iniciativa Oceanos vai organizar diversas atividades, a nível local e nacional, para melhorar a perceção pública sobre os serviços dos ecossistemas marinhos.



16

As pessoas da ciência

Roberto Keller (na foto) é cientista e também fotógrafo, o que lhe permitiu aceitar o desafio de olhar para os seus colegas do IGC através da câmara fotográfica. Fazer ciência é sobretudo trabalhar em equipa e as fotos de Keller mostram os cientistas em conjunto, mas também as pessoas fora do ambiente de laboratório.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 146. SETEMBRO. 2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Mena | Patrícia Fernandes **DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva **[DDLX]** **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA** Biblioteca de Alexandria **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00
info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



20

Saúde Mental e inovação

Especialistas de vários países vão discutir, a **3 e 4 de outubro** na Fundação Gulbenkian, as ligações entre os distúrbios mentais e outras doenças crónicas, a inovação nos cuidados de saúde mental e os determinantes sociais da saúde mental. O Fórum Internacional sobre inovação e saúde mental é organizado pela Plataforma Gulbenkian para a Saúde Mental Global e tem a colaboração da Organização Mundial de Saúde.

33

Amadeo nos 30 anos do CAM

Sob o Signo de Amadeu. Um Século de Arte é uma das mais vastas exposições de sempre, composta por obras da coleção do Centro de Arte Moderna para assinalar o seu trigésimo aniversário.

Oportunidade para ver e rever obras de Amadeo de Souza-Cardoso, mas também de grandes nomes da arte contemporânea portuguesa numa exposição que percorre um século de arte.



Amadeo de Souza-Cardoso, *Lévriers / Os Galgos*, 1911

35

Two Maybe More

O espetáculo que abre a Gulbenkian Música 13/14 junta música, teatro e dança e estará em cena no Teatro Maria Matos de **6 a 14 de setembro**. *Two Maybe More* tem direção artística de Marco Martins, cocriação e interpretação de Sofia Dias e Vítor Roriz, as palavras de Gonçalo M. Tavares e a música original de Pedro Moreira. O ponto de partida desta peça integrada no ciclo Teatro/Música é a relação de um casal com o mundo exterior.

Índice

primeiro plano

- 4 **Biblioteca de Alexandria**
- 8 **Aprender a reconhecer e a apreciar as diferenças**

notícias

- 10 **Iniciativa Gulbenkian para os Oceanos**
- 14 **O triunfo da matemática**
- 15 **Regresso às aulas com o IGC**
- 16 **As Pessoas da Ciência**
- 18 **Relatório e Contas da FCG**
- 19 **A experiência sueca nas Sextas da Reforma**
- 19 **Movimento para o Emprego reconhecido pela Comissão Europeia**
- 20 **Saúde Mental e inovação**
- 20 **Acolhimento de crianças e jovens – um manual**
- 21 **Ribeiro Telles homenageado**
- 22 **Present Tense em Paris**
- 22 **Colóquio/Letras entre Oriente e Ocidente**
- 23 **Estágio Gulbenkian para Orquestra: o primeiro passo**
- 24 **Gulbenkian Música no Festival de Aix-en-Provence**
- 26 **Orquestra Gulbenkian na China**
- 27 **Arte e tradução no Festival de Edimburgo**
- 27 **Em memória de Kim Taylor**
- 28 **breves**

bolseiros gulbenkian

- 30 **Saul Picado**

em setembro

exposições

- 33 ***Sob o Signo de Amadeo***
 - 34 **Diálogo de culturas**
- #### música

- 35 ***Two Maybe More***
- 36 **novas edições**
- 37 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

- 38 ***Gustave Flaubert – La Légende de Saint Julien L'Hospitalier***



Biblioteca de Alexandria

Prémio Calouste Gulbenkian 2013

O Prémio Calouste Gulbenkian, no valor de 250 mil euros, foi atribuído este ano a um dos mais prestigiados centros de conhecimento do mundo, a Biblioteca de Alexandria. Ismail Serageldin, o seu diretor, esteve em Lisboa para, em nome da instituição egípcia que ajudou a (re)criar, receber esta distinção internacional numa cerimónia que se realizou na Fundação Gulbenkian, a 19 de julho.

“**N**um momento em que o Egito vive um dos períodos mais difíceis da sua história moderna, são instituições como a Biblioteca de Alexandria que poderão contribuir para a construção e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e mais livre”, afirmou Artur Santos Silva, presidente da Fundação, na abertura da cerimónia de entrega do Prémio Calouste Gulbenkian 2013.

Entre 70 nomeações recebidas, este ano o júri presidido por Jorge Sampaio decidiu atribuir o Prémio Calouste Gulbenkian à Biblioteca de Alexandria, instituição egípcia de saber que completou em 2012 uma década de existência, e ao seu diretor Ismail Serageldin, reputado académico e dirigente cultural.

“A Biblioteca de Alexandria é uma referência cultural para o Mediterrâneo e isso deve-se sobretudo à visão, ao vigor e ao incansável trabalho de Ismail Serageldin”, justificou em ata o júri do Prémio, que distingue anualmente uma instituição ou uma pessoa, portuguesa ou estrangeira, que se tenha destacado pelo seu papel na defesa dos valores essenciais da condição humana.

Evocando a imagem, que perdura no inconsciente coletivo da humanidade, da antiga Biblioteca de Alexandria fundada por Ptolomeu, mas também os tempos conturbados em que vivemos, marcados por crises e interrogações de diversa ordem, o presidente do júri, Jorge Sampaio, considerou a atribuição do Prémio Calouste Gulbenkian 2013 de grande significado e oportunidade: “Ao atribuí-lo à Biblioteca de Alexandria estamos também a homenagear e honrar Calouste Gulbenkian, que era um conhecedor profundo do Egito, que detinha uma impressionante coleção de objetos de arte egípcios, que amava os livros e que foi verdadeiramente um homem de pontes e diálogos entre o ‘Grande Levante’, por assim dizer, e o Ocidente. Com a atribuição deste Prémio à Biblioteca de Alexandria, não só nos sentimos mais perto de Calouste Gulbenkian, como, de alguma forma, nos sentimos todos de Alexandria.”

“**BIBLIOTECA-FAROL**”

Inaugurada em outubro de 2002, na cidade que Alexandre Magno fundou em 331 a.C. e que se manteve como capital do Egito durante mais de mil anos, a moderna Biblioteca de Alexandria foi construída junto ao antigo porto, na zona onde terá existido a antiga biblioteca. É hoje um complexo funcional, que abrange um edifício evocativo do antigo farol de Alexandria e que recebe anualmente mais de 1,4 milhões de visitantes. A Biblioteca de Alexandria realiza centenas de eventos todos os anos, incluindo exposições, feiras de arte e ciência, seminários, conferências, concertos, teatro e ópera.

Com uma sala de leitura com 20 mil metros quadrados, a biblioteca principal alberga um milhão e meio de volumes e tem disponíveis para consulta 45 mil periódicos. Existem



Jorge Sampaio, Ismail Serageldin e Artur Santos Silva © Mária Lessa

“A Biblioteca de Alexandria é uma referência cultural para o Mediterrâneo e isso deve-se sobretudo à visão, ao vigor e ao incansável trabalho de Ismail Serageldin”

Ata do Júri do Prémio Calouste Gulbenkian 2013

no complexo várias outras bibliotecas especializadas para públicos diversos (infantojuvenil e invisual), mas também em termos de coleção: artes e multimédia, livros raros e microfilmes. É também uma instituição pioneira em projetos digitais, como atesta o protocolo celebrado com a Biblioteca do Congresso (EUA) em 2007, para o desenvolvimento de uma Biblioteca Digital Mundial.

Outras valências da Biblioteca de Alexandria incluem: um planetário; oito centros de investigação associados; quatro museus, dedicados às Antiguidades, ao Manuscrito, à História da Ciência e ao Presidente Sadat, assassinado em 1981; quinze exposições permanentes dedicadas às artes visuais contemporâneas e outras coleções pessoais e patrimoniais; quatro galerias de arte para exposições temporárias; e um centro de conferências.



A Biblioteca de Alexandria encontra-se no centro nevrálgico de importantes redes regionais e internacionais, e entre os eventos mais significativos que acolheu nos seus dez anos de existência conta-se a primeira Conferência da Reforma Árabe, que acabaria por produzir a Declaração de Alexandria, exigindo reformas nos domínios político, económico, social e cultural, e o lançamento do projeto Arab Info Mall, que pretende aproximar cerca de duas mil organizações da sociedade civil do mundo árabe, criando uma rede de troca de informação e experiências. O centro de artes da Biblioteca de Alexandria também produziu e apresentou a primeira ópera egípcia em 40 anos, baseada na obra “Miramar” de Naguib Mahfouz, Nobel da Literatura em 1988.

UMA REVOLUÇÃO EM CURSO

Porém, a “biblioteca-farol” de Alexandria “não seria o que é sem a batuta do seu diretor, sem a sua visão do papel da educação, do conhecimento, da ciência e da cultura para o progresso dos povos e a construção de sociedades pluralistas, inclusivas e tolerantes”, disse ainda Jorge Sampaio no seu discurso, a que se seguiu a entrega do Prémio a Ismail Serageldin.

Nascido em Guiza (Gizé), em 1944, o diretor da Biblioteca, Ismail Serageldin, dedicou as suas primeiras palavras de agradecimento a Portugal, “país pioneiro na gestão de uma transição democrática bem-sucedida”.

Licenciado em Engenharia pela Universidade do Cairo, doutorado em Harvard e com vários doutoramentos *honoris causa* de universidades de todo o mundo, Serageldin faz parte dos corpos consultivos das mais diversas instituições internacionais académicas, científicas e de investigação e desempenha um papel de relevo em inúmeras iniciativas da sociedade civil. Foi vice-presidente do Banco Mundial entre 1992 e 2000, e tem publicados mais de 60 livros e

“Recriar o espírito da antiga Biblioteca com as ferramentas do terceiro milénio, trazer essa tradição humanista para a era digital é o grande contributo da juventude egípcia”

Ismail Serageldin



monografias, bem como inúmeros artigos que cobrem uma grande variedade de temas.

No seu discurso, marcado pela “revolução egípcia em curso”, sublinhou o contributo dos jovens que tem recrutado, formado e orientado, e que permitiram transformar a Biblioteca de Alexandria – “um sonho” – em realidade. “Recriar o espírito da antiga Biblioteca com as ferramentas do terceiro milénio, trazer essa tradição humanista para a era digital”, é o grande contributo da juventude egípcia para este projeto, segundo Ismail Serageldin.

“A Biblioteca de Alexandria no Egito dos nossos dias tornou-se um espaço de liberdade onde todos os pontos de vista se podem manifestar, e onde todos são bem-vindos”, afirmou o seu diretor. “E se, politicamente, a Biblioteca foi criada enquanto instituição apartidária, representa não obstante valores muito claros: liberdade de expressão, liberdade de questionamento, ecumenismo e pluralismo”, acrescentou, explicando ainda que a Biblioteca foi instituída através de uma lei especial que lhe deu autonomia de todas as estruturas de poder: “Uma instituição egípcia, com uma dimensão internacional e um mandato para servir toda a humanidade”.

“Durante a revolução não foi atirada uma única pedra à Biblioteca”

Ismail Serageldin

“Durante a revolução não foi atirada uma única pedra à Biblioteca”, garantiu Ismail Serageldin à plateia que o ouvia, recordando o cordão humano que em 2011, no eclodir dos protestos, protegeu a Biblioteca dos ânimos mais exaltados. Ao longo do seu discurso, sublinharia várias vezes a importância de “combater as ideias através de outras ideias” e defendeu “uma conciliação nacional que envolva todos os egípcios”.

“E tal como no passado quando o farol de Alexandria se anunciava às nações do mundo, espero que aquilo que estamos a fazer no Egito também possa dar um contributo para além das nossas fronteiras, induzindo um maior respeito pela diversidade e pela diferença, uma cultura de tolerância, melhorando as relações entre todas as culturas, todas as civilizações, todos os indivíduos, e o seu ambiente social e natural”, disse ainda Ismail Serageldin. “Atrevemo-nos a sonhar”, finalizou. ■



Jorge Sampaio, Daniel Barenboim, Mariam Said e Artur Santos Silva © Márcia Lessa

Aprender a reconhecer e a apreciar as diferenças

O Prémio Calouste Gulbenkian, atribuído o ano passado à West-Eastern Divan Orchestra, foi entregue a 29 de julho na Fundação Gulbenkian. Uma oportunidade para falar da música como linguagem universal que consegue ultrapassar todas as diferenças e barreiras, sobretudo as relacionadas com um passado de tensão e conflitos.

A caminho de Sevilha para mais um *workshop* anual da West-Eastern Divan Orchestra e uma *tournee* por Espanha, França, Suíça, Áustria e Alemanha, Daniel Barenboim esteve umas horas em Lisboa para receber o Prémio e falar sobre o projeto de que é cofundador e maestro titular. Barenboim recebeu o Prémio ao lado de Mariam Said, viúva do pensador palestino Edward Said que, juntamente com Barenboim, fundou a West-Eastern Divan Orchestra em 1999.

A “orquestra da Paz”, como já foi apelidada, recolheu a unanimidade do júri do Prémio Gulbenkian por se tratar de um projeto que cria pontes para o entendimento através da

música, juntando jovens músicos árabes, israelitas e europeus. Para o júri presidido por Jorge Sampaio, a West-Eastern Divan Orchestra “celebra o poder de comunicação universal da música e a sua capacidade de transcender divisões e conflitos”, chamando a atenção para “um conflito que grassa há décadas e se repercute numa região inteira”. Uma distinção que Barenboim agradeceu e que encara como um “incentivo” para continuar o trabalho que vem desenvolvendo à frente da orquestra.

Anualmente, a Orquestra recebe cerca de 150 jovens músicos, vindos dos mais variados países árabes, da Palestina e de Israel, a provar que a música é uma linguagem universal



West Eastern Divan Orchestra © Luis Castilla

acima de todos os ódios. Com ironia, num diálogo que manteve com Jorge Sampaio no palco do Auditório 2, Barenboim disse que “alguma coisa de acertado deve estar a fazer porque a proporção de admiradores e detratores da Orquestra, quer em Israel, quer nos países árabes, é muito semelhante.”

A LENDA DA ORQUESTRA E O SONHO JUDEU

Ao iniciar o diálogo com o antigo alto-representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações, o maestro quis deixar claro que a Orquestra não foi criada para lutar contra a injustiça e o conflito israelo-árabe. E citou o nome do alemão Bernd Kauffmann, antigo programador de Weimar Capital Europeia da Cultura, para dizer que foi depois de um jantar bem regado e “às duas da manhã” que a ideia surgiu. E se muitos duvidaram da viabilidade do projeto, os números aí estão a confirmar o sucesso – cerca de dois mil jovens artistas passaram pela orquestra ao longo destes anos.

Reafirmando que a Orquestra não pode lidar com os problemas do Médio Oriente, Barenboim diz que ela pode ser uma “escola de democracia” onde os jovens aprendem a liderar e a ser liderados, conjugando visões diferentes e coexistindo pacificamente, ao contrário do que acontece nas suas histórias de vida sempre ligadas ao conflito. Sem querer “entrar na política”, o maestro e pianista vai dizendo que o diferendo israelo-palestiniano não se resolverá enquanto Israel não reconhecer os erros passados, porque “o sonho judeu era bonito”, mas a terra não estava vazia

quando chegaram. Israel tem de reconhecer que “há uma grande diferença entre o sonho e a realidade”.

O PODER UNIVERSAL DA MÚSICA

Convidado por Jorge Sampaio a falar da importância que hoje se atribui à identidade, Barenboim dá o seu exemplo: nascido em Buenos Aires, de família judia russa, tem o primeiro contacto com a Europa aos nove anos, antes de ir para Israel. Hoje vive entre Londres e Berlim e, em 71 anos de vida, diz ter aprendido “a reconhecer e a apreciar as diferenças”. Por isso, o mundo ainda tem de aprender a reconhecer a diferença entre globalização e universalidade.

“Globalização é poder-se comer sushi em Itália e beber-se champanhe na China”, diz Barenboim a distinguir entre consumo e valores, já que a universalidade “é entender o que o outro sente”, quando um alemão “percebe a França ao escutar a música de Debussy”. A música tem essa capacidade universal de entender e expressar as diferentes identidades, sem “tornar o mundo mais pequeno” como quer a globalização. Evocando o seu amigo Edward Said, o maestro diz ainda que a educação é um meio para “aprender a pensar criticamente por si próprio” e que precisamos sempre de reexaminar e repensar o que fazemos. São essas as ideias que transmite aos jovens músicos da West-Eastern Divan Orchestra: “Hoje não podes tocar como tocaste ontem, não podes copiar-te! É preciso fazer mais, trazer mais, buscar mais: obrigarmo-nos a não repetir, a não fazer só aquilo que sabemos à partida que funciona!” ■



Iniciativa Gulbenkian para os Oceanos

© Elisa Locci | Dreamstime Stock Photos | <http://www.dreamstime.com>

Quanto vale um clima ameno ou uma vista para o mar? E quanto vale o acesso a peixe fresco? Num país como Portugal, com uma tão vasta área marítima sob a sua alçada, a Iniciativa Oceanos foi criada pela Fundação Gulbenkian para ajudar a responder a estas perguntas, melhorando a perceção pública e política dos benefícios que nos trazem os ecossistemas marinhos e costeiros. Damos-lhe aqui a conhecer as linhas programáticas desta Iniciativa, que aposta na investigação científica, nas atividades de capacitação e na mudança dos processos de tomada de decisão, a nível local, nacional e global.

24 de março de 1989. O petroleiro *Exxon Valdez* embate num recife do golfo do Alasca e o resultado é um derrame de 40 milhões de litros de crude, espalhados por cerca de 2.000 quilómetros de costa, afetando ecossistemas muito sensíveis. A primeira coisa que ocorre ao pensar neste acidente é o custo ambiental que originou. Mas a verdade é que nesse ano se observa um pico no PIB dos Estados Unidos – o acidente acabaria por ter um impacto positivo na economia. A explicação é “simples”: foram contabilizados os benefícios privados da atividade económica ligada aos trabalhos de limpeza, mas não foram considera-

dos os custos públicos de um dos mais graves desastres ambientais da história. Tal como acontece com os benefícios públicos, é recorrente o valor económico dos custos públicos não estar determinado. E se não está determinado, não pode ser contabilizado.

A missão da Iniciativa Gulbenkian Oceanos é promover a valoração económica dos serviços prestados pelos ecossistemas marinhos e costeiros, que mais não são do que os benefícios que retiramos da sua existência e funcionamento. “Os ecossistemas marinhos prestam serviços cruciais para o bem-estar humano e para a prosperidade económica. No

entanto, e porque o seu valor económico é geralmente desconhecido, não é reconhecido nas decisões técnicas e políticas que afetam os ecossistemas marinhos”, lê-se no manifesto desta Iniciativa. O manifesto alega também que, em contraste com o progresso já feito na valoração dos serviços dos ecossistemas terrestres, existe uma carência de dados relacionados com os ecossistemas marinhos e o seu valor económico.

UMA INFRAESTRUTURA NATURAL

Os oceanos são também um meio natural para o transporte de pessoas e bens. No entanto, e contrariamente às redes viárias e ferroviárias, que têm custos associados bem definidos, o transporte marítimo não reflete no seu custo o valor económico desta infraestrutura natural: o espaço marítimo. Mas é um facto que mais de 90 por cento do comércio mundial é feito por via marítima.

O clima ameno de Lisboa, que se deve ao facto de a corrente quente do Golfo do México atravessar o Atlântico, é outro exemplo comum destes benefícios, tal como o acesso a peixe fresco. Nesse aspeto Portugal está, aliás, muito bem posicionado: dispõe de uma grande variedade de espécies consumíveis, pelo facto de se encontrar numa zona de

ECOSSISTEMAS E SERVIÇOS

Os serviços prestados pelos ecossistemas marinhos e costeiros incluem os serviços de provisão, de regulação e culturais, que afetam diretamente o bem-estar humano; e os de suporte, essenciais para a existência dos outros serviços dos ecossistemas. Os primeiros incluem todos os produtos derivados dos ecossistemas, tais como o peixe e o marisco, o gás natural e os recursos bioquímicos e farmacológicos usados nos medicamentos e cosmética. Os serviços de regulação incluem os benefícios obtidos pela regulação dos processos dos ecossistemas: o clima, a absorção de CO₂ da atmosfera, e a estabilização da linha de costa. Os serviços culturais são os benefícios não materiais derivados dos ecossistemas – estéticos, espirituais e psicológicos –, que afetam diretamente as relações sociais, a diversidade cultural e diferentes formas de recreação e turismo, entre outros. Por último, os serviços de suporte referem-se à fotossíntese realizada pelo fitoplâncton marinho e que fornece metade do oxigénio que respiramos.



© Alex Anisiev | Dreamstime Stock Photos

charneira, entre o Atlântico Norte e o Atlântico Sul, com alguma influência do Mediterrâneo. O problema é que frequentemente estes benefícios são negligenciados quando se tomam decisões políticas. Por isso, há gestos que importam, como a assinatura em junho deste ano de um protocolo de cooperação entre a Fundação Calouste Gulbenkian (no âmbito da Iniciativa Oceanos), a Direção-Geral de Política do Mar, o Instituto Português do Mar e da Atmosfera, e a Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental, onde já se reconhecia “a necessidade de integrar os serviços dos ecossistemas marinhos nos processos de tomada de decisão como elemento essencial”.

UMA PREOCUPAÇÃO GLOBAL

A Iniciativa Gulbenkian Oceanos surge de uma preocupação a nível global e aplicável a nível nacional, nascendo assim na sequência de vários programas internacionais. A importância crescente da questão da economia dos ecossistemas e da biodiversidade foi posta em evidência pelo TEEB (The Economics of Ecosystems and Biodiversity), uma iniciativa sob o patrocínio da UNEP – Programa Ambiental das Nações Unidas, apresentada em 2010, o Ano Internacional da Biodiversidade. Para além do grupo dedicado ao TEEB, a UNEP tem atualmente um grupo de trabalho focado exclusivamente na Economia dos Serviços dos Ecossistemas – Ecosystem Services Economics (ESE) e outro nos ecossistemas marinhos e costeiros – Marine and Coastal Ecosystems Branch (MCEB). A WAVES (Wealth Accounting and the Valuation of Ecosystem Services) é outra iniciativa que enaltece a importância da valoração



económica dos serviços dos ecossistemas marinhos. A parceria WAVES é promovida pelo Banco Mundial e formada por uma vasta aliança de agências das Nações Unidas, governos, institutos internacionais, organizações não governamentais (ONG) e instituições académicas. A IGO procurará ativamente estabelecer relações estreitas com estas e outras iniciativas, desenvolvendo sinergias mutuamente benéficas e aplicáveis a Portugal.

JUNTAR AS CIÊNCIAS NATURAIS E SOCIAIS

Com um horizonte de trabalho de cinco anos, a equipa que está a desenvolver a Iniciativa Oceanos é interdisciplinar: dois biólogos marinhos e uma economista. Uma interdisciplinaridade – e transdisciplinaridade – que se reflete na estratégia da Iniciativa: unir investigadores das áreas das ciências naturais com as áreas das ciências sociais, para determinar o valor económico dos serviços dos ecossistemas marinhos através de um projeto de investigação, a desenvolver numa área delimitada da costa portuguesa. Esta é uma das vertentes da Iniciativa Oceanos.

As outras duas vertentes deste programa estão relacionadas com o passo seguinte: transformar resultados científicos em informação passível de ser utilizada por decisores políticos. Aí entram as “atividades de capacitação e divulgação” que a Iniciativa vai promover e que passam por cursos de escrita de *policy papers*, por exemplo, dirigidos a investigadores e técnicos que trabalham com a administra-

ção pública ou com ONG. O objetivo é que pessoas que tomam decisões, ou que têm de informar decisores políticos, possam aperfeiçoar a redação de documentos com essa finalidade. Mas a responsabilidade de tornar a ciência acessível para os decisores políticos não é exclusiva dos investigadores e técnicos, advertem os membros da Iniciativa Oceanos. É preciso que também haja vontade política para usar essa informação. E assim chegamos à terceira vertente da Iniciativa Oceanos – promover novas políticas, de que é exemplo o contributo técnico que a equipa da Iniciativa deu recentemente para a Discussão Pública sobre a Estratégia Nacional para o Mar 2013-2020, e para a Estratégia do Atlântico, que decorreu a nível europeu.

ONG E ASSOCIAÇÕES LOCAIS

Para além de atribuir apoios financeiros a projetos externos que se enquadrem nos seus eixos de intervenção, a Iniciativa Oceanos pretende dirigir-se ao público organizando diversas atividades, a nível local e nacional, para melhorar a perceção pública sobre os serviços dos ecossistemas marinhos. Porque é preciso que as pessoas percebam que, não estando dentro de água, beneficiam do que o mar lhe traz. Sessões de esclarecimento, concursos para escolas e oficinas de ciência marinha para crianças já estão em marcha, mas há outro público-alvo que merece uma atenção especial da Iniciativa Oceanos: as ONG de ambiente e as associações locais.



Por um lado, a Iniciativa Oceanos pretende estreitar relações entre as ONG de ambiente e as associações locais, que muitas vezes não têm uma componente ambiental, mas conhecem muito bem as realidades locais. Espera-se que esse trabalho seja focado em temas ligados aos serviços dos ecossistemas marinhos e daí resultem parcerias frutíferas para todos, garante a equipa da Iniciativa. Por outro lado, há uma preocupação em envolver na Iniciativa Oceanos as ONG de ambiente, para que aprendam a utilizar argumentos económicos de forma credível e robusta, já que normalmente estas organizações integram pessoas mais ligadas às ciências naturais.

Surgiu assim a ideia de dar uma formação intensiva na área de economia, focando conceitos económicos de base e uma componente de valoração económica ambiental, para que os destinatários desta formação possam adotar um discurso com os mesmos indicadores e a mesma linguagem que utilizam os decisores políticos, permitindo-lhes, em última instância, negociar em processos de decisão que envolvam análises de custo-benefício.

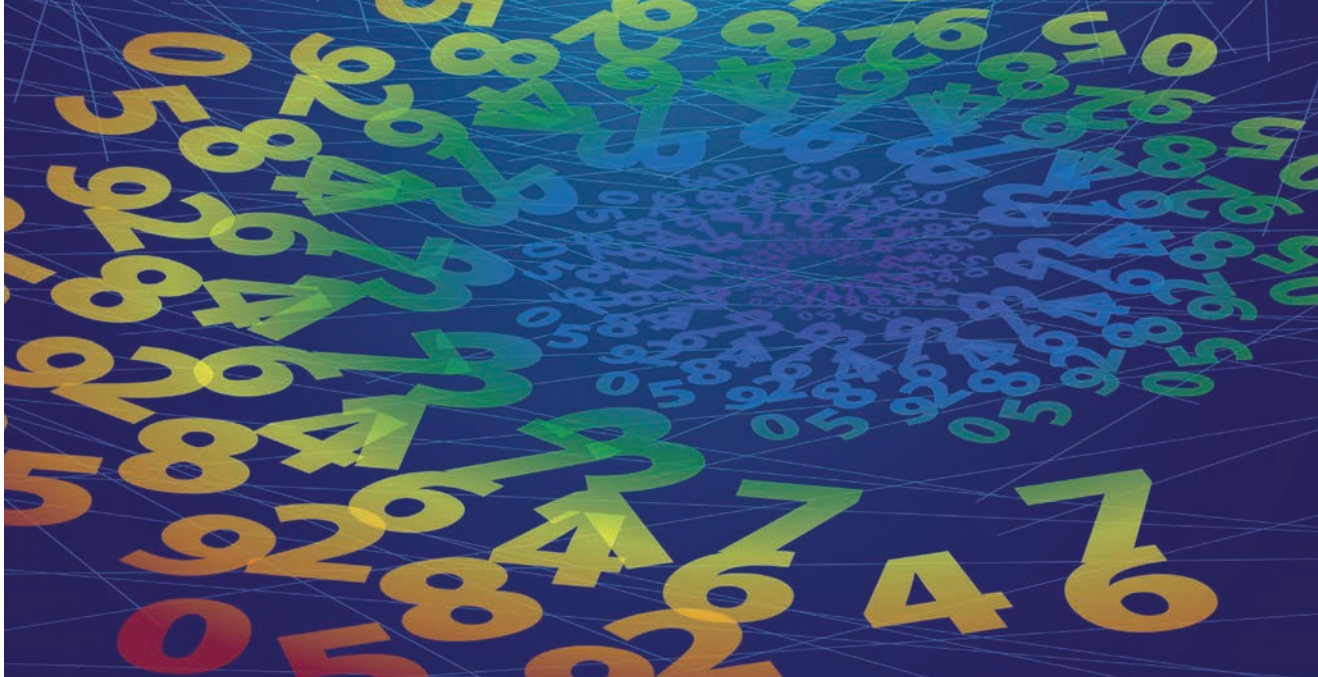
Numa área com muitas falhas de mercado como é a dos Oceanos, é muito comum encontrar diversas externalidades negativas, tais como a poluição ou a sobre-exploração de recursos, entre muitas outras. Isto deve-se em grande parte a uma escassez de conhecimento sobre os verdadeiros custos e benefícios externos relacionados com o uso (in)adequado dos Oceanos, que nos permita perceber o verdadeiro impacto económico na sociedade. É, no entanto,

muito vulgar calcular apenas os custos/benefícios privados das atividades económicas que se relacionam direta ou indiretamente com o mar. Por isso a missão da Iniciativa Oceanos é tão importante: determinar o valor económico dos serviços dos ecossistemas marinhos para incluí-lo no somatório do privado e do externo. Aí, então, teremos a conta certa. ■

Mais informações: www.oceanos.gulbenkian.pt

APRESENTAÇÃO PÚBLICA

No dia 27 reúne o Conselho Consultivo da Iniciativa, na Fundação Gulbenkian. À cabeça desta reunião estará Pavan Sukhdev, o economista indiano que ficou conhecido internacionalmente por liderar o estudo TEEB sobre os benefícios económicos globais da biodiversidade. Waddah Saab (DG Investigação e Inovação, Comissão Europeia), Laurence Mee (SAMS – Scottish Association of Marine Science), Carlos Duarte (Oceans Institute, University of Western Australia; Laboratorio Internacional de Cambio Global) e Pushpam Kumar (UNEP – Programa Ambiental das ONU) são os especialistas que completam o painel internacional deste Conselho Consultivo.



O triunfo da matemática

Apoiar e incentivar o estudo e conhecimento da matemática tem sido uma das prioridades da Fundação Gulbenkian ao longo dos anos. Bolsas atribuídas através de concurso, apoio a projetos diversos e a tradicional Escola de Verão de Matemática são algumas das iniciativas mais relevantes.

NOVOS TALENTOS EM MATEMÁTICA

Anualmente, a Fundação Gulbenkian realiza uma edição do projeto Novos Talentos em Matemática, a que se podem candidatar estudantes universitários com elevado mérito académico e cujos cursos tenham uma forte componente em Matemática. A ideia geral do projeto é incentivar o desenvolvimento da sua cultura e aptidões matemáticas, apoiando o seu trabalho junto de reconhecidos especialistas, que exercem o papel de tutores. Este contacto com especialistas deve ser para os participantes uma oportunidade para realizarem um trabalho de estudo aprofundado, participarem ativamente num programa de seminários e iniciarem-se na investigação em Matemática. O prazo para apresentação de candidaturas à próxima edição termina a **8 de outubro**.

ESCOLA DE VERÃO DE MATEMÁTICA

Este ano, a Escola de Verão completou dez anos e muitas horas de formação e conhecimento para os professores e estudantes universitários que nela têm participado. A Escola é uma das iniciativas do projeto Novos Talentos em

Matemática, que tem como objetivo estimular nos jovens o gosto, a capacidade e a vocação de pensar e investigar em Matemática.

Entre 15 e 19 de julho, a Fundação Calouste Gulbenkian recebeu cerca de 70 jovens, entre eles 20 estrangeiros. O tema central da Escola foi a Teoria da Representação e os participantes tiveram a possibilidade de frequentar três cursos – cada um com cinco lições, ministradas pelos professores convidados –, completados por sessões de trabalho, orientadas por antigos bolseiros do Novos Talentos em Matemática. Eric Sommers (Universidade do Massachusetts e da National Science Foundation), Pavel Etingof (Massachusetts Institute of Technology, MIT) e Peter Trapa (Universidade do Utah) foram os professores convidados a lecionar neste curso de verão.

A comissão coordenadora científica é composta por professores de várias universidades portuguesas: Gustavo Granja (Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa), José Miguel Urbano (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra), José Ferreira Alves (Faculdade de Ciências da Universidade do Porto) e Orlando Neto (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa).



Alunos e professores da Escola de Verão – Novos Talentos em Matemática © Alda Coimbra

PROJETO DELFOS

Uma medalha de ouro, quatro de bronze, uma menção honrosa e um recorde (111 pontos) foi o resultado obtido este ano pela equipa portuguesa nas Olimpíadas Internacionais de Matemática. A vitória é ainda mais significativa se for vista à luz da imagem de um país com fracos resultados escolares nacionais a Matemática. Este sucesso tem um responsável – o Projeto Delfos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, apoiado pela Fundação no âmbito da edição de 2012 do concurso Atividades Culturais e Científicas Circum-Escolares.

O Projeto Delfos aposta na deteção, formação e acompanhamento de jovens talentos da Matemática, desenvol-

vendo a sua ação em dois grandes eixos orientadores: formação presencial e formação à distância.

Na formação em presença encontram-se os Estágios Delfos, que organizam atividades dirigidas a estudantes do ensino não superior, tendo como principal objetivo o enriquecimento curricular em Matemática, durante dois a cinco dias; outra iniciativa presencial passa pelas Ações de Formação da Escola Delfos, destinadas a professores de Matemática do ensino não superior, para um enriquecimento curricular na disciplina, na perspetiva da sua utilização nas suas escolas de origem.

A formação à distância materializa-se na manutenção de cursos de correspondência (eletrónica ou clássica) e de dois fóruns digitais de discussão de Matemática. ■

Regresso às aulas com o Instituto Gulbenkian de Ciência

O projeto Aqui há Ciência!, desenvolvido ao longo dos últimos dois anos para educadores e professores do ensino pré-escolar e do 1.º Ciclo pela equipa de Comunicação de Ciência do IGC, regressa este ano letivo com sessões de formação em escolas dos concelhos de Oeiras, Cascais e Torres Vedras.

O projeto quer fomentar o conhecimento de ciência nos mais novos através de um processo contínuo de pergunta-resposta, por meio de atividades experimentais e que recapitulam o processo científico. Iniciado apenas em Oeiras, com o apoio da Câmara Municipal e em parceria com o

Instituto Superior Técnico, o projeto tem vindo a expandir-se para outros concelhos do país.

A par do Aqui há Ciência!, o projeto Bioinformática nas Escolas continuará a divulgar aos professores e alunos do Básico e do Secundário a importância da bioinformática na análise de dados biológicos e alguns dos métodos analíticos mais utilizados. Desde 2007 que a Unidade de Bioinformática e Biologia Computacional do IGC tem vindo a realizar o projeto em várias regiões do país. Todas estas ações de formação são acreditadas pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua. ■



A equipa do IGC. Fotografia de Roberto Keller.

As Pessoas da Ciência

Quando o fotógrafo Roberto Keller foi convidado a retratar o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), a sua missão consistia em fotografar cerca de 300 cientistas para o repositório de fotografias do instituto. Sendo ele próprio um cientista, Roberto Keller aproveitou a oportunidade para captar o aspeto humano e o quotidiano da investigação científica. Desse trabalho resultou a exposição fotográfica *As Pessoas da Ciência*, que pode ser vista no IGC e que, mais do que mostrar espaços, revela as pessoas através das quais a ciência emerge.

QUAL FOI O MAIOR DESAFIO DESTA PROJETO?

Coordenar cerca de três centenas de cientistas para posarem em retratos de grupo. A natureza do trabalho científico faz com que seja difícil reunir, ao mesmo tempo, todas as pessoas que formam um grupo de trabalho. Existe sempre alguém a meio de uma experiência de laboratório que não pode ser interrompida! Foi um grande desafio técnico porque tínhamos uns escassos dez minutos para preparar o local, montar a máquina fotográfica, acomodar as pessoas nos seus sítios e tirar várias fotografias com a esperança de conseguir pelo menos um retrato que funcionasse. Tudo foi feito fora de um estúdio, em distintos locais do Instituto e utilizando só luz natural.

EM CIÊNCIA, HÁ VÁRIAS IMAGENS ATRATIVAS E, NO ENTANTO, OPTOU POR FAZER UMA EXPOSIÇÃO SOBRE PESSOAS QUE TRABALHAM EM CIÊNCIA. O QUE O LEVOU A ESTA ESCOLHA?

A ideia foi criar um contraste visual com o que habitualmente é divulgado sobre a ciência. As imagens que nascem da investigação científica – mundos microscópicos, organismos exóticos e galáxias distantes – são importantes para estimular a imaginação do público e aproximá-lo da ciência, mas em certa medida também a mistificam pela estranheza do que mostram e pela complexidade de tecno-



Fotografia de Roberto Keller.

logias utilizadas na sua aquisição. Os retratos desta exposição pretendem mostrar ao público que as imagens quase fantásticas da ciência são criadas por pessoas comuns, pela pessoa sentada ao lado no comboio ou no café, no dia a dia.

PENSA QUE O LADO HUMANO DA CIÊNCIA É SUFICIENTEMENTE RETRATADO?

Não, pelo menos com relevância. É pouco habitual apresentar a ciência como uma atividade intensamente social, que necessita da colaboração de uma comunidade global. A ciência avança pelo constante escrutínio e crítica dos colegas. Na ciência diz-se que uma ideia não existe até ser publicada, posta à disposição dos outros. O cientista isolado que faz grandes descobertas não existe.



Fotografia de Roberto Keller.

FOI FÁCIL FOTOGRAFAR CIENTISTAS?

Em geral, as pessoas ficam incomodadas em frente a uma máquina fotográfica. O trabalho do fotógrafo consiste em criar um ambiente de descontração, para ir além do sorriso amarelo, numa tentativa de captar o verdadeiro caráter das pessoas. No meu caso, como trabalho no IGC, acho que o facto de ser conhecido pelas pessoas que retratei, primeiro, como cientista e, só depois, como fotógrafo, criou uma cumplicidade que facilita, tanto a eles como a mim, o ficar



Fotografia de Roberto Keller.



Fotografia de Roberto Keller.

à vontade – o fotógrafo não é um estranho a invadir a casa, é mais uma pessoa da comunidade.

COMO É QUE UM CIENTISTA SE TORNA FOTÓGRAFO?

Mais que só uma profissão, a ciência é uma maneira de pensar e de olhar, o que é aplicável a qualquer atividade, mesmo uma atividade meramente artística. Um fotógrafo que domina a parte técnica do seu trabalho – a ótica das lentes, a química da revelação – vai obter com maior facilidade aquela imagem que existe como ideia. Como cientistas, somos treinados a olhar as coisas vulgares e perceber o extraordinário de cada uma. Isto é uma ferramenta fundamental para qualquer fotógrafo.

CONSEGUE CONCILIAR AMBAS AS ATIVIDADES, CIÊNCIA E FOTOGRAFIA, OU VÊ-SE, NO FUTURO, A ENVEREDAR APENAS POR UMA?

O interessante de ter uma educação na ciência é que a pessoa nunca deixa de ser cientista, mesmo quando não obtém o sustento económico da atividade científica. Por agora, sinto-me afortunado por poder exercer a minha profissão como cientista e incluir a minha paixão pela fotografia através de projetos como *As Pessoas da Ciência*. Gosto de retratar cientistas e o facto de eles serem meus colegas torna esta atividade mais agradável.

QUAL VAI SER O PRÓXIMO PASSO?

Tivemos uma resposta muito positiva a esta exposição, que já esteve no Optimus Alive e agora está no IGC, mas as restrições de espaço em ambos os lugares obrigaram-nos a exibir apenas uma parte do material. Vamos levar a exposição a outros locais onde, além de atingir outros setores do público, será possível montar uma exibição mais completa. Recentemente, fui convidado a participar como fotógrafo num outro projeto que envolve ciência e saúde pública, a fim de captar fundos para apoiar a investigação relacionada com a cura de doenças de alto impacto na sociedade. É um prazer ter mais um projeto que vai permitir combinar a minha atividade científica com a minha inquietação artística. ■



Relatório e Contas da Fundação Gulbenkian

Em 2012, a Fundação Gulbenkian elevou o seu património de 2,65 para 2,77 mil milhões de euros, o que significou um aumento de 4,6 por cento, num ano em que a taxa de inflação na zona euro atingiu 2,5 por cento. Por outro lado, o valor agregado dos custos com o pessoal e com fornecimentos e serviços externos baixou de 64,8 para 63,9 milhões de euros, representando menos 1,3 por cento em relação ao ano anterior.

Os números fazem parte do Relatório e Contas de 2012, o primeiro da responsabilidade de Artur Santos Silva enquanto presidente da Fundação Gulbenkian. Num texto que abre o relatório anual, o presidente começa por sublinhar “a regra de transparência e de prestação de contas” que a Fundação cumpre desde os primeiros Relatórios do Presidente, da autoria de José de Azeredo Perdigão.

Referindo-se ao ano de 2012, que viu agravar “a crise mais complexa da nossa história contemporânea”, ao mesmo tempo que se davam “atuações e processos menos refletidos e lesivos da reputação do movimento fundacional”, o presidente da Fundação considera prioritário “afirmar o valor do setor e o seu contributo para uma sociedade mais informada, menos vulnerável e mais justa”. E prossegue: “O mundo mudou e os desafios com que as fundações se confrontam hoje em dia são ainda mais exigentes.” Perante a incapacidade de, também no plano europeu, se criar um

clima de confiança que ajude a vencer a crise, compete também às “fundações injetar pensamento e soluções inovadoras no projeto europeu”, pelo que as redes europeias de fundações “deverão estar mais atuantes e interventivas, lançando iniciativas que possam estimular e influenciar os decisores a defender o papel da Europa no Mundo”.

Neste contexto, na sua atividade filantrópica, a Fundação Gulbenkian deverá fazer mais do que conceder apoios financeiros, reforçando “a capacitação dos destinatários, contribuindo para a sua sustentabilidade”. A Fundação aprofundou também, em 2012, o seu modelo organizativo, de modo a tornar mais flexível a sua atuação. A intervenção nas áreas estatutárias “deu lugar a programas com objetivos e limites temporais definidos”, cujo acompanhamento é garantido por “conselhos consultivos totalmente integrados por elementos externos”, com uma avaliação independente dos resultados obtidos.

Artur Santos Silva afirma estar consciente do grau de dificuldade que a Fundação Gulbenkian enfrenta e da urgência em contribuir para a resolução dos problemas sociais que afetam o nosso tempo, e conclui: “Por isso trabalhamos todos os dias para que os sonhos sejam projetos e o futuro seja o presente.” ■

Relatório disponível em www.gulbenkian.pt

A experiência sueca nas Sextas da Reforma

A partir deste mês de setembro, o ciclo Sextas da Reforma vai trazer mensalmente ao Auditório 3 da Fundação Gulbenkian, sempre às sextas-feiras, personalidades das áreas económica ou financeira para conferências sobre a reforma, a organização e gestão do setor público. Resultado da parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian, o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas, este conjunto de seminários incidirá sobre diversos temas, como a organização e a partilha de informação na administração pública, a liderança e a motivação de recursos humanos, a articulação entre o setor público e o setor privado, entre outros.

No dia 20, a conferencista convidada é a diretora-geral-adjunta da Swedish National Financial Management Authority, agência do Ministério das Finanças responsável pela contabilidade e gestão financeira das entidades da administração central, pela análise e produção de previsões e pela auditoria à aplicação dos fundos estruturais na Suécia, entre outras funções. Kristina Lundqvist falará sobre a experiência sueca na “produção de informação financeira de qualidade, a tempo e para usos múltiplos”.

A entrada para os seminários é livre, mas sujeita a inscrição



Kristina Lundqvist

prévia obrigatória, através do sítio da internet do Banco de Portugal – www.bportugal.pt –, até à véspera da conferência. ■

Movimento para o Emprego reconhecido pela Comissão Europeia

A Comissão Europeia lançou a Aliança Europeia para a Aprendizagem com o objetivo de ajudar a combater o desemprego jovem, através de uma ampla parceria entre intervenientes estratégicos nas áreas do emprego e da educação. Esta Aliança, apresentada em julho pelos comissários europeus da Educação, Cultura e Juventude e do Emprego, quer uma “mudança de atitudes no que respeita às aprendizagens”, ao mesmo tempo que pretende identificar “os modelos de maior sucesso na UE e aplicar as soluções adequadas a cada Estado-membro”.

Na sessão de lançamento em Leipzig, na Alemanha, a Fundação Calouste Gulbenkian foi convidada pelo presidente da Comissão Europeia a apresentar o Movimento para o Emprego, a iniciativa destinada a criar cinco mil estágios profissionais remunerados para jovens, numa par-

ceria com a Cotec Portugal e com o apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Isabel Mota, administradora da Fundação, apresentou o projeto que já mobilizou mais de uma centena de empresas portuguesas para combater ao desemprego jovem em Portugal. Este projeto foi apresentado em maio deste ano na Fundação Gulbenkian. Além do reconhecimento de iniciativas como esta, a Comissão quer que a Aliança Europeia para a Aprendizagem seja uma forma de aproximação entre a educação e o emprego. Nas palavras do comissário do Emprego, László Andor, “face aos níveis inaceitáveis do desemprego juvenil, é imperativo que os responsáveis pela educação e o emprego trabalhem em conjunto para facilitar aos jovens europeus a transição da escola para o mundo do trabalho”. ■

<http://movimentoparaoemprego.iefp.pt>

Saúde Mental e Inovação

Nos dias 3 e 4 de outubro, realiza-se o *International Forum on Innovation in Mental Health*, uma iniciativa da Plataforma Gulbenkian para a Saúde Mental Global, com a colaboração da Organização Mundial de Saúde (OMS). As ligações entre os distúrbios mentais e outras doenças crónicas, as inovações nos cuidados de saúde mental e os determinantes sociais da saúde mental são os temas que vão estar em discussão.

Para além de Vikram Patel (Índia), Sashi Sashidharan (Reino Unido) e Sir Michael Marmot (Reino Unido), que proferem as três conferências principais do Fórum, estarão na Fundação Gulbenkian prestigiados especialistas e técnicos de todo o mundo, incluindo Shekhar Saxena, que dirige o Departamento de Saúde Mental e Abuso de Estupefacientes da OMS e que faz parte do Conselho Consultivo da Plataforma, tal como Arthur Kleinman, reputado médico e antropólogo norte-americano, que publicou recentemente um importante artigo no *New England Journal of Medicine*: “Saúde Mental e a Agenda Global”.

As questões relacionadas com a saúde mental continuam a ser largamente ignoradas pela comunidade internacional, apesar de terem um peso muito significativo na saúde e desenvolvimento das populações. A realização do *International Forum on Innovation in Mental Health* ins-



creve-se assim no programa da Plataforma Gulbenkian para a Saúde Mental Global, criada em 2011 e cujo propósito é precisamente pôr a saúde mental na agenda de saúde global.

A Plataforma é uma iniciativa da Fundação Gulbenkian que reúne especialistas em Saúde Mental de vários países e que tem como parceiros fundamentais a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa e a Organização Mundial de Saúde. Benedetto Saraceno (Global Initiative on Psychiatry) é o coordenador científico da Plataforma Gulbenkian para a Saúde Mental Global. ■

Mais informações: www.gulbenkianmhplatform.com

Acolhimento de crianças e jovens um manual

Acaba de ser publicada, com o apoio da Fundação Gulbenkian, uma obra para compreender o sistema de proteção do Estado a crianças e jovens cuja última garantia de segurança e defesa de direitos está no afastamento da família de origem.

Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens, da autoria de Maria João Leote de Carvalho, faz um enquadramento legal e explica os diferentes conceitos e terminologias utilizados no âmbito deste complexo sistema, alicerçado na Convenção sobre os Direitos da Criança, a Constituição da República Portuguesa, o Código Civil Português e a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo.

O livro responde de forma simples, mas sustentada, a questões como a diferença entre crianças em risco e

crianças em perigo, que situações ou comportamentos podem levar à sinalização por parte das Comissões de Proteção ou que medidas de promoção e proteção existem até à retirada total da criança ou jovem do seio da família. Há ainda lugar a comparações com outros sistemas de acolhimento a nível europeu e a uma caracterização da população institucionalizada.

Maria João Leote de Carvalho é uma investigadora com longa experiência no trabalho com crianças e jovens expostos a situações de risco ou perigo ou com percursos de delinquência, e faz parte da equipa de acompanhamento técnico do programa de apoio à autonomia de jovens em acolhimento institucional, financiado pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano desde 2012. ■



Ribeiro Telles e Artur Santos Silva na inauguração do Centro Interpretativo. © Márcia Lessa

Já abriu o Centro Interpretativo do Jardim com o nome de Gonçalo Ribeiro Telles, em homenagem ao arquiteto paisagista que, juntamente com Vianna Barreto (1924-2012), concebeu toda a envolvente dos edifícios da Fundação Gulbenkian. O novo espaço multimédia, que resulta de uma parceria com a Samsung, convida os visitantes a experimentar em *video-hall* os “10 andamentos” do Jardim, numa proposta inspirada nos 10 mandamentos que Ribeiro Telles define para a criação de um jardim e que permite viajar pela obra do arquiteto através dos seus desenhos. Para os mais novos, há também uma proposta multimédia que permite muita interação e brincadeira recorrendo à tecnologia.

A inauguração do novo equipamento realizou-se no dia 19 de julho, por ocasião da homenagem feita pela Fundação Gulbenkian a Gonçalo Ribeiro Telles, personalidade profundamente ligada à história desta instituição e que, nas palavras de Artur Santos Silva durante a cerimónia de homenagem, “sempre se afirmou na primeira linha de defesa dos valores da cidadania, incansável na luta pela instauração em Portugal de um regime democrático e de uma sociedade mais justa”. Durante a cerimónia foi ainda evocado o Prémio Sir Geoffrey Jellicoe, considerado o ‘Nobel’ da Arquitetura Paisagista, que em abril deste ano distinguiu internacionalmente Gonçalo Ribeiro Telles. Na sua breve intervenção, o prestigiado arquiteto paisagista afirmou sentir-se “artífice de uma criatividade cultural de uma sociedade e de um país”.



O jardim visto do Centro Interpretativo. © Márcia Lessa

O Centro Interpretativo Gonçalo Ribeiro Telles está aberto ao público todos os dias do ano, das 10h00 às 19h00, oferecendo um serviço de cafetaria e esplanada, onde os gelados são a principal atração. ■

Present Tense em Paris



Sabelo Mlangeni, *Manthe and a friend at Fruit Cake Vintage, Big City*, 2011

A partir de **dia 18**, a exposição de fotografia *Present Tense* pode ser vista em Paris no espaço da Delegação em França da Fundação Gulbenkian, que coproduziu a mostra com o Próximo Futuro. Com curadoria de António Pinto Ribeiro, a exposição *Present Tense* reúne trabalhos de 14 fotógrafos de vários países do Sul do continente africano, que representam diferentes gerações do pós-*apartheid*.

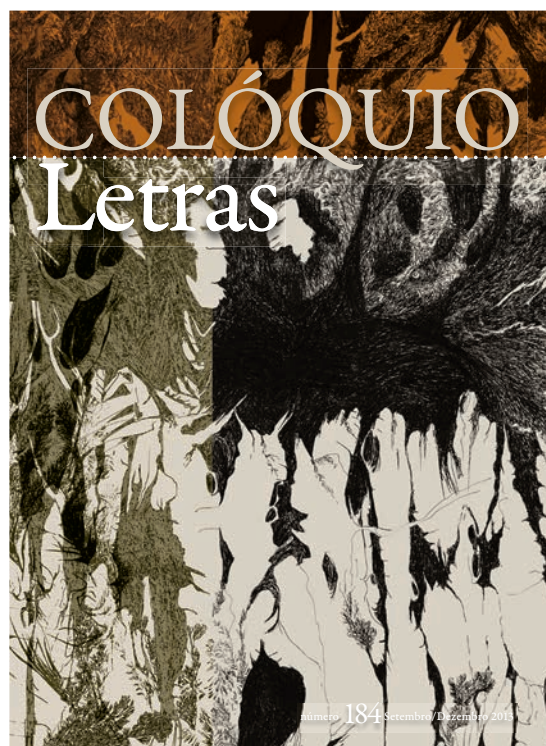
Em Lisboa, a exposição foi um dos pontos altos da programação de verão do Próximo Futuro que este ano foi dedicada ao Sul de África, trazendo a Lisboa dezenas de artistas e pensadores daquela região do continente africano para uma série de espetáculos de artes performativas e conferências. As exposições *Present Tense* e *Encontros de Fotografia de Bamako* estiveram patentes no edifício sede da Fundação Gulbenkian entre 22 de junho e 1 de setembro. Em Paris, *Present Tense* integra um grupo seletivo de exposições de fotografia que se desenrolam em simultâneo na capital francesa, fruto de uma parceria da Delegação da Fundação em França com o Paris Photo, a principal feira de fotografia do mundo. A mostra enquadra-se ainda na *Saison Afrique du Sud – France 2013* e participa na *Nuit Blanche 2013*, a “noite dos museus” parisiense que este ano se realiza a 5 de outubro. ■

Colóquio/Letras entre Oriente e Ocidente

O núcleo principal do n.º 184 da revista *Colóquio/Letras* é dedicado aos elos literários entre o Oriente e o Ocidente. Neste contexto, *Le Fou d'Elsa*, de Louis Aragon, é o ponto de partida para um ensaio de Abdelwahab Meddeb, e a correspondência do jesuíta, matemático, astrónomo, e músico Tomás Pereira, para um texto de Ana Cristina Costa Gomes. No mesmo núcleo, escrevem também Horácio Costa (“Considerações sobre um ‘bargueño’”) e Dora Nunes Gago (“Entre pés de lótus e bambus: configurações da China nos contos de Maria Ondina Braga e Fernanda Dias”).

Publicam-se ainda artigos de Carlos Felipe Moisés, Rosa Maria Sequeira, Paula Mendes Coelho, Gaspare Trapani e Tania Martuscelli. Destaque, em Notas & Comentários, para textos de António Coimbra Martins, Álvaro Manuel Machado e Ana Paula Coutinho Mendes. Revelam-se poemas de Pedro Lyra e Fernando Guimarães e uma crónica de Brigitte Paulino-Neto sobre a Corunha. Inez Teixeira é a pintora convidada neste número.

A revista é complementada com uma separata sobre *Os Estudos de Literatura, a Universidade e o Estado*, integrando artigos de Abel Barros Baptista, Fernando Clara e Emília Pinto de Almeida. ■





Estágio Gulbenkian para Orquestra o primeiro passo

Setenta e seis jovens instrumentistas entre os 17 e os 25 anos participaram no 1.º Estágio Gulbenkian para Orquestra que decorreu na Universidade Aveiro entre os dias 27 de julho e 1 de agosto. Trata-se de um projeto pioneiro em Portugal inspirado no modelo da Orquestra Juvenil Gustav Mahler, uma formação de jovens músicos europeus que frequenta um intensivo estágio com vários tutores antes de ser dirigida por um maestro de renome nas suas digressões anuais.

O Estágio Gulbenkian para Orquestra quer promover, através de estágios regulares, a experiência orquestral entre jovens instrumentistas nacionais, como complemento da sua formação académica regular. A direção artística do projeto foi entregue a Joana Carneiro que, neste primeiro estágio, teve a colaboração de Paul McCreesh, maestro titular da Orquestra Gulbenkian. O grupo de tutores convidados

integrou músicos da Orquestra Gulbenkian e da Orquestra Sinfónica Portuguesa com larga experiência pedagógica e orquestral: Alexandra Mendes e Ana Beatriz Manzanilla (violino), Pedro Muñoz (viola), Raquel Reis (violoncelo), Manuel Rego (contrabaixo), Cristina Anchel (madeiras), Paulo Guerreiro (trompa), Hugo Assunção (trompete, trombone e tuba) e Rui Sul Gomes (percussão).

Os jovens músicos foram selecionados em audições realizadas em Lisboa, Porto, Aveiro, Évora, Castelo Branco e Braga. O estágio terminou com um concerto na Reitoria da Universidade de Aveiro, cujo programa incluía a Sinfonia Militar de Haydn, dirigida por Paul McCreesh e a Sinfonia n.º 4 de Tchaikovsky, regida por Joana Carneiro.

Em Fevereiro de 2014 vai realizar-se um segundo estágio, estando prevista uma colaboração muito próxima com a Orquestra Gulbenkian. ■



The House Taken Over © ENOA

Gulbenkian Música no Festival de Aix-en-Provence

*A Fundação Gulbenkian marcou presença no Festival de Aix-en-Provence deste ano através da atuação do seu coro residente e na qualidade de coprodutor de dois espetáculos incluídos na programação: *The House Taken Over* do compositor português Vasco Mendonça e *Elena* de Francesco Cavalli. Estas obras foram coproduzidas no âmbito da Rede Europeia de Academias de Ópera (ENOA) que a Fundação integra desde 2011. Quanto ao Coro Gulbenkian, para além de um concerto a capella realizado na catedral Saint-Sauveur, figurou no elenco da ópera *Elektra*, de Richard Strauss, uma das mais aclamadas propostas da edição de 2013 deste prestigiado festival de verão que este ano cumpriu a sua 65.^a edição.*



The House Taken Over © ENOA

ÓPERA DE VASCO MENDONÇA EM ESTREIA MUNDIAL

Vasco Mendonça apresentou a sua mais recente criação – *The House Taken Over* – em Aix-en-Provence, com grande sucesso junto do público e da crítica. Inspirada no conto *Casa Tomada* (“Casa Ocupada”) do escritor argentino Julio Cortázar, e com *libretto* da dramaturga britânica Sam Holcroft, a história situa-se algures entre o fantástico e o psiquiátrico e gira em torno de duas personagens perturbadas, irmão e irmã, que deambulam numa casa que pertence à família há muitas gerações, onde se instala uma presença ameaçadora que nunca se dá a conhecer. No interior da casa os irmãos lutam contra a sujidade de uma forma compulsiva, num espaço que se vai tornando cada vez mais exíguo à medida que vão fugindo do estranho invasor, que se vai apoderando progressivamente das várias divisões. Para o compositor, trata-se de um drama íntimo, doméstico, um território muito fértil para a criação, em que o principal enigma é saber quem invadiu a casa e o que leva a que os irmãos permaneçam no local apesar da crescente perturbação que o invasor lhes provoca. À medida que o espaço da casa diminui a música cresce em tensão dramática, criando um clima onde uma certa dimensão surrealista e de loucura remete para a violência das relações e para o sentimento de medo que domina as personagens. Encenada por Katie Mitchell, a obra foi interpretada pelo Schonberg Ensemble, dirigido pelo maestro belga Etienne Siebens, com os cantores Oliver Dunn e Kitty Whately. A ópera será agora apresentada em Lisboa, nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2014, no decorrer da temporada da Gulbenkian Música.

UMA OBRA ANTIGA EM ESTREIA MODERNA

A outra obra coproduzida pela Fundação nesta edição do Festival assumiu também contornos de novidade, apesar de ter sido composta há mais de três séculos e meio. Trata-se de *Elena*, uma ópera seiscentista desconhecida, do compositor italiano Francesco Cavalli que, apesar do sucesso que conheceu na sua estreia em 1659, na cidade de Veneza, permaneceu esquecida ao longo dos tempos até reaparecer agora, no âmbito deste Festival. A obra, um *drama per musica* em um prólogo e três atos, tem como personagem principal Helena de Troia e foi saudada pela crítica como uma pequena obra-prima, nesta sua estreia moderna. Coube ao maestro argentino Leonardo Garcia Alarcón, um especialista em música barroca, dar a ouvir pela primeira vez esta peça ao público do século XXI, à frente da Orquestra que fundou, a Capella Mediterranea. A obra foi interpretada por atuais e antigos Solistas da Academia Europeia de Música, entre os quais os cantores portugueses Job Tomé (barítono) e Fernando Guimarães (tenor) e a encenação esteve a cargo de Jean-Yves Ruf. A obra será apresentada no Grande Auditório da Fundação no dia 29 de abril de 2014.

CORO GULBENKIAN EM DUAS FRENTES

A catedral Saint-Sauveur em Aix-en-Provence praticamente encheu para um concerto do Coro Gulbenkian dirigido pelo seu maestro titular, Michel Corboz. O programa, composto por música coral sagrada, incluía obras de Johann Sebastian Bach (*Jauchzet dem Herrn, alle Welt*, BWV 160),



Coro Gulbenkian no Grande Auditório © Márcia Lessa

Francisco António de Almeida (*Magnificat, Beatus vir, O quam suavis*), Gabriel Fauré (*Messe basse, Cantiques*), François Poulenc (*Salve Regina, O magnum mysterium, Litanies de la vierge noire*) e Darius Milhaud (*Kaddish, Quatrains valaisans*). O público aplaudiu longamente esta primeira participação do Coro Gulbenkian em Aix-en-Provence.

Poucos dias depois, o coro atuou no Grand Théâtre de Provence, numa das produções mais aplaudidas da edição deste ano do Festival, a ópera *Elektra* de Richard Strauss, dirigida pelo maestro Essa-Peka Salonen e encenada por Patrice Chéreau, com Evelyn Herlitzius, Waltraud Meier, Adrienne Pieczonka, Mikhail Petrenko e Tom Randle nos principais papéis. ■

Orquestra Gulbenkian em digressão na China

A Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo seu maestro titular, Paul McCreesh, vai realizar uma digressão pela China no próximo mês de outubro, com atuações programadas em Macau, Beijing (Pequim) e Guangzhou (Cantão). O primeiro concerto terá lugar no Centro Cultural de Macau (dia 18) no âmbito do Festival Internacional de Música daquela região.

A Orquestra segue depois para Guangzhou onde irá atuar na Guangzhou Opera House (dia 19). O derradeiro concerto realiza-se em Beijing, no National Centre for the Performing

Arts (dia 20), uma das mais prestigiadas salas de concerto chinesas.

O programa a apresentar inclui uma obra de um compositor português (*Duas Melodias*, de Luís de Freitas Branco), obras do repertório clássico sinfónico (*A Sinfonia Pastoral*, de Beethoven, e a *Sinfonia Do Novo Mundo*, de Dvorák) e ainda uma peça com a participação de um solista local (*Concerto para Marimba e Orquestra*, de Ney Rosauro, com Li Biau). As últimas digressões da Orquestra Gulbenkian à China foram realizadas nas décadas de 1980 e 1990. ■



Dois projetos apoiados pela delegação da Fundação Gulbenkian em Londres – UK Branch – marcaram presença nos festivais de Edimburgo.

A exposição da artista plástica Ângela Ferreira *Political Cameras*, apresentada na Stills Gallery – o centro escocês de fotografia contemporânea –, integrou o Edinburgh Art Festival que terminou no dia 1 de setembro, mas ficará patente na galeria até 27 de outubro.

Nesta sua primeira exposição individual numa galeria britânica, Ângela Ferreira explora as relações entre o mundo ocidental e África, recolhendo alguns ícones culturais e

mostrando-os através de uma combinação entre a escultura, a fotografia e o filme.

Por seu lado, o Edinburgh International Book Festival apresentou um conjunto de eventos intitulado “The Art of Translation”, realizado pelo British Centre for Literary Translation, que pretendia mostrar como o talento e a técnica associados à tradução linguística podem ser um enorme desafio criativo. O Centro organizou “duelos de tradução” em diferentes línguas e um *workshop* sobre tradução literária que juntou profissionais, amadores e outros participantes interessados nestas questões. ■

Em memória de Kim Taylor (1923-2013)

LC. (Kim) Taylor morreu em Chichester, Inglaterra, no dia 20 de julho. Diretor da delegação da Fundação Gulbenkian em Londres entre 1982 e 1989, Kim Taylor assumiu este cargo num período particularmente difícil para a sociedade britânica, durante os anos do neoliberalismo de Thatcher. Enfrentando uma enorme procura de apoios, Kim Taylor estabeleceu prioridades e focou-se em iniciativas inovadoras na educação, no acesso às artes para os menos favorecidos e nos projetos sociais e comunitários.

A sua relação apaixonada com Portugal refletiu-se também no reforço das ligações entre a Fundação em Lisboa e

o UK Branch, mas também na boa colaboração com a Embaixada de Portugal em Londres.

Num texto de homenagem publicado no *Jornal de Letras*, Eugénio Lisboa (à época conselheiro cultural em Londres) lembra o amigo e o promotor da cultura portuguesa no Reino Unido, mas também a criação do Portuguese Arts Trust que tanto fez pela divulgação das nossas artes e letras: “Kim Taylor revelou-se um homem providencial porque amava, de facto, Portugal, os portugueses e a cultura portuguesa.” ■

Apoio à língua e cultura portuguesas em Cabo Verde

O primeiro curso de mestrado em Ensino do Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira da Universidade de Cabo Verde contou com o apoio da Fundação Gulbenkian. A pensar no desenvolvimento do estudo descritivo e didático do cabo-verdiano e do português e das relações que se estabelecem entre estas duas línguas, o mestrado é um incentivo ao estudo e à promoção da língua portuguesa,

O Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento apoiou também o Projeto Património Cultural e Educação em Cabo-Verde: preservar materiais, desvendar práticas, divulgar patrimónios. Criado em 2011 pela Universidade de Cabo Verde, o projeto destina-se a preservar o património educativo do país, mas também à formação de professores e técnicos da Universidade. ■



Inhambane Challenger Trophy 2013

Qualificar a formação em turismo em Moçambique

A Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, com o apoio da Fundação Gulbenkian, está a desenvolver um programa de Formação Avançada em Turismo, em Moçambique, com o objetivo de qualificar os docentes da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane. Integram este programa de formação, para além de docentes da escola de Inhambane, docentes de outras instituições do ensino superior moçambicano, bem como empresários do setor, autarcas e técnicos de diferentes organismos institucionais.

Em julho decorreu o Inhambane Challenger Trophy 2013, uma prova que associou as unidades curriculares de organização de eventos, animação turística e turismo de natureza e aventura, em vários locais da cidade de Inhambane. O evento foi também uma oportunidade para promover a prevenção da saúde pública, em matérias como a contraceção, HIV-sida, malária ou consumo de água. ■

Saúde materno-infantil na Guiné-Bissau

As organizações não governamentais de desenvolvimento (ONGD) portuguesas – Instituto Marquês de Valle-Flor (IMVF) e VIDA – receberam apoio da Fundação Gulbenkian para a realização de projetos do Programa Integrado de Saúde Materna e Infantil, a decorrer até final de 2015 na Guiné-Bissau, e financiado no quadro do Fundo Europeu de Desenvolvimento. Os apoios concedidos pela Fundação são uma contribuição para o cofinanciamento que cabe às ONGD.

Tabanka Ku Saudi, a cargo da VIDA, pretende aumentar o acesso e a utilização dos cuidados de saúde materno-infantil nas regiões de Cacheu e de Biombo, envolvendo uma população de cerca de 300 mil habitantes. Por outro lado, o projeto do IMVF tem como objetivo melhorar o acesso, a disponibilidade e a qualidade dos cuidados materno-infantis, intervindo em diferentes estruturas sanitárias, entre elas cinco hospitais. O apoio do Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento é destinado à intervenção no Hospital de Cumura.

A Guiné-Bissau ocupa a 176.^a posição (de 187 países) no Índice de Desenvolvimento Humano de 2012 (UNDP – Human Development Report), faz parte da lista dos Estados frágeis e é um dos países mais pobres do Mundo. ■



Fragmento de geloia (1191 ou 1248), Castelo de Silves

A presença islâmica em Portugal

Cerca de três dezenas de peças que testemunham o legado islâmico em Portugal, entre os séculos VIII e XIII, vão estar presentes na exposição realizada pelo Aga Khan Trust for Culture, em colaboração com o Museu Calouste Gulbenkian, por ocasião da atribuição do Prémio Aga Khan para a Arquitetura.

A exposição intitulada *Arquiteturas – testemunhos islâmicos em Portugal* mostra a influência islâmica no nosso país, apresentando vestígios arquitetónicos de carácter religioso, civil e militar, e estará patente no Castelo de São Jorge, em Lisboa, local onde se realizará a entrega do prémio no dia 6 de setembro. O prémio, no valor de um milhão de dólares, foi criado em 1977 para identificar e promover conceitos de construção que correspondam de forma eficaz às necessidades e aspirações de comunidades com uma significativa presença muçulmana. O Prémio reconhece exemplos de excelência arquitetónica nos campos do *design* contemporâneo, habitação social, melhoria e desenvolvimento comunitário, preservação histórica, reutilização e conservação de espaços, assim como *design* paisagístico e melhoria do meio ambiente. ■

Ciência Descoberta e língua portuguesa

A prova escrita de Língua Portuguesa, versão 2, do exame nacional de 12.º ano de escolaridade citava, além de Fernando Pessoa e de José Saramago, a exposição *360º Ciência Descoberta*, que esteve patente na Fundação Gulbenkian até junho. O grupo II reproduzia uma entrevista do comissário da exposição à Newsletter, para depois pedir aos alunos a interpretação, análise e compreensão das palavras de Henrique Leitão. No grupo III, os alunos eram convidados a refletir sobre a “importância da crença no progresso para o desenvolvimento civilizacional”, partindo da frase de Garcia de Orta presente na exposição “o que hoje não sabemos amanhã saberemos”.

A exposição *360º Ciência Descoberta* apresentou, de março a junho na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação, a evolução científica e técnica associada às grandes viagens oceânicas de portugueses e espanhóis nos séculos XV e XVI. Esta mostra não destacava heróis, mas um esforço comum, contributos reais que tiveram um tremendo impacto no conhecimento do mundo e na ciência europeia. ■

Prémio IRGA 2013 para Emílio Rui Vilar

O júri do prémio Investor Relations&Governance decidiu atribuir por unanimidade o galardão de Lifetime Achievement a Emílio Rui Vilar pela sua carreira. Nas palavras de Manuel Alves Monteiro, presidente do júri, o currículo de Emílio Rui Vilar “é um sinal exterior de uma personalidade rica, de um profissional reconhecido, de um homem de vasta cultura e de um cidadão de causas e de serviço público”.

O prémio é atribuído anualmente pela Deloitte e pelo *Diário Económico* e destina-se a distinguir as melhores práticas económicas e financeiras do mercado. O BPI, a Portugal Telecom e a Jerónimo Martins foram as empresas distinguidas na 26.ª edição do IRGA. ■

Inclusão pela música

Aliar a música à terapia e à pedagogia, tocando pessoas com variados graus e tipos de deficiência cognitiva, é um dos objetivos do projeto Notas de Contacto-OCP Solidária, desenvolvido por professores da Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) com utentes da CERCIoeiras.

Este projeto, que conta com o apoio do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, quer estimular a comunicação e fomentar a cultura musical, no sentido de facilitar a inclusão social deste grupo de pessoas com necessidades especiais. Além da prática de instrumentos musicais de percussão, as aulas incluem também uma componente mais teórica de aprendizagem da linguagem musical. No dia 18 de julho, o Notas de Contacto teve a sua primeira apresentação pública, num projeto que terá a duração de três anos. ■



Saul Picado | 25 anos | Música/Piano*

“A grandiosidade está no detalhe”

COMO SURTIU O INTERESSE PELO PIANO?

Inscrevi-me no Conservatório Regional de Castelo Branco com a ideia de frequentar aulas de contrabaixo. No entanto, como naquela altura não havia professor desse instrumento, inscrevi-me nas aulas de piano, na classe do professor João Paulo Cunha. A paixão pelo piano foi crescendo ao longo dos anos, a ponto de ter chegado à conclusão de que queria dedicar a minha vida à arte de o tocar e à música em geral.

DE QUE MODO O MESTRADO NA GUILDHALL SCHOOL OF MUSIC & DRAMA FOI IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?

Na Guildhall School of Music & Drama tive a oportunidade de trabalhar sob a orientação de dois grandes professores e pianistas: Peter Bithell e Martin Roscoe. As aulas de ambos foram decisivas para a minha formação artística, daí ter sido fundamental estudar naquela Escola. Outro aspeto importante é o ambiente que a Guildhall proporciona.

Vive-se a música intensamente e o nível de alguns alunos é extraordinário, o que nos faz querer trabalhar sempre mais e melhor.

PROSEGUE NESTE MOMENTO A SUA FORMAÇÃO COM O PROFESSOR PETER BITHELL...

A bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian para aperfeiçoamento em música possibilitou a frequência de aulas individuais com ele. O professor Peter Bithell é uma pessoa cujos conhecimentos vão muito além do que é necessário para tocar um instrumento, revelando um profundo conhecimento musical, pianístico e da arte em geral. Das suas aulas sai-se sempre com a sensação de quão pequenos somos perante a grandiosidade das obras que tocamos e dos compositores que as compuseram. E, quase sempre, o professor Peter Bithell faz-nos ver que a grandiosidade está no detalhe. A mais pequena passagem, a mais pequena decisão musical pode fazer toda a diferença. As suas aulas



são um abrir de portas de novos mundos porque tem a capacidade única de aprofundar e abrir horizontes ainda por explorar em cada obra e a cada aula.

PARA ALÉM DO TRABALHO A SOLO TEM INVESTIDO NO REPERTÓRIO DE CÂMARA, COMO MEMBRO DO DRYADS DUO. UMA APOSTA A MANTER?

Na minha formação, nomeadamente na minha licenciatura em que fui aluno de piano do professor Alexei Eremine, a música de câmara teve sempre uma grande importância. É algo que adoro fazer, não só pelo que exige dos músicos, como membros de um *ensemble*, como também pelo belíssimo repertório que existe. O Dryads Duo, formado por mim e pela violinista Carla Santos, ganhou o 1.º Prémio no Concurso Prémio Jovens Músicos em 2011. Este Prémio veio proporcionar a realização de concertos e a gravação de um primeiro CD. Temos vontade de continuar a trabalhar neste projeto e a apresentar-nos com novos repertórios.

E QUANTO A PROJETOS FUTUROS?

Tenho como objetivo continuar a alargar o meu repertório, tanto a solo como em música de câmara, procurando sempre desenvolver e melhorar a minha técnica pianística e o meu conhecimento musical. Nesta fase da minha forma-

ção, pretendo apostar na participação em concursos, algo que penso ser muito importante por dar a conhecer o meu trabalho, por poder tocar para outros públicos e para poder ouvir diferentes opiniões. Neles trabalha-se ao mais alto nível, o que muitas vezes acelera o desenvolvimento artístico de um músico. Para além disso, procuro sempre locais onde possa dar recitais a solo e de música de câmara, nomeadamente com o Dryads Duo.

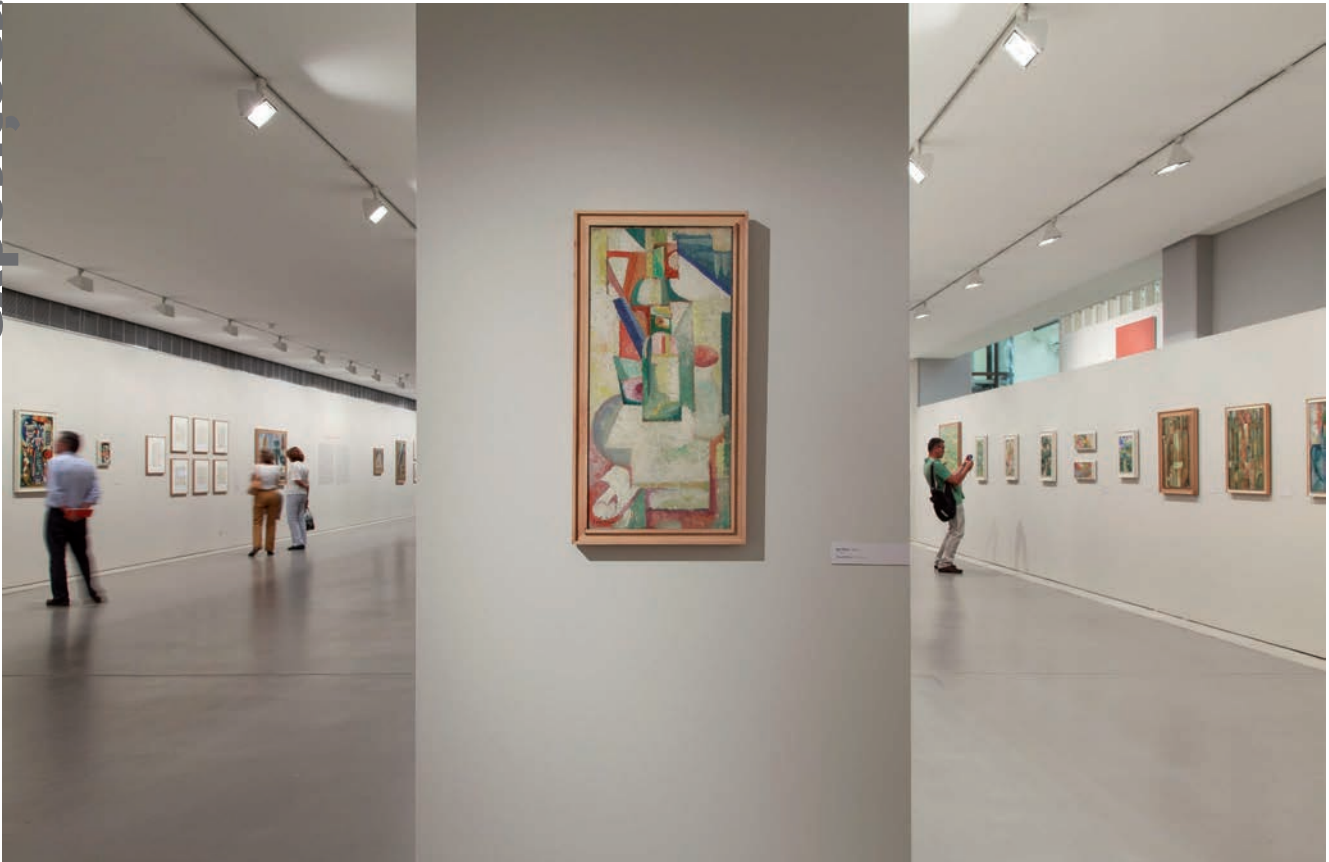
COMO É VIVER EM LONDRES?

Londres é uma das maiores capitais culturais do Mundo e isso é, por si só, um fator de enriquecimento artístico e pessoal. A arte é muito valorizada e são inúmeros os museus e exposições que se podem visitar. A nível musical temos a oportunidade de assistir a concertos dos melhores músicos da atualidade e das melhores orquestras mundiais. É uma cidade multicultural, sempre na vanguarda, mas que nunca esquece todo o importante património anterior. Uma das melhores sensações que tenho de Londres é a de que ser músico é um ofício respeitado como qualquer outro ofício. As pessoas, de um modo geral, dão valor a esta profissão, o que é muito gratificante. ■

* *Bolsa de Estudo para Aperfeiçoamento em Música*



em setembro



Aspetto da exposição © Paulo Costa

Sob o Signo de Amadeo

Um Século de Arte

Uma viagem de cem anos pela história da arte a partir da herança modernista de Amadeo de Souza-Cardoso é a proposta da exposição comemorativa dos 30 anos da abertura do CAM que, desde julho passado, ocupa todas as galerias do Centro. Em tom de festa, a fachada do edifício revestiu-se de cor, exibindo uma instalação encomendada para a ocasião, e, no interior, mostram-se 350 obras das cerca de 10 mil que compõem a coleção do Centro.

A presença de Amadeo de Souza-Cardoso é dominante, com uma galeria totalmente dedicada à sua obra, reunindo praticamente todo o acervo do artista que o CAM detém. Outra galeria exhibe obras-primas da coleção do CAM cobrindo as várias disciplinas artísticas da pintura, desenho, escultura e fotografia. Não falta ainda um setor que põe em evidência o diálogo entre a arte portuguesa e a britânica (de que o CAM tem uma coleção de referência), em torno do legado da Arte Pop.

Na Sala Polivalente, é exibida a coleção de filme e de vídeo, enquanto na Sala de Exposições Temporárias um conjunto

variado de obras explora tematicamente a ideia do palco e da teatralidade na modernidade.

As três décadas de apoio à criação contemporânea por parte do CAM são também celebradas nesta efeméride, com a encomenda de obras inéditas a dois artistas portugueses, a Rodrigo Oliveira para a fachada do edifício, e a Carlos No para o *hall* de entrada.

Paralelamente a esta exposição, uma das mais vastas já realizadas, vai decorrer um ciclo de performance entre outubro e dezembro. O ciclo inicia-se com um precursor da performance em Portugal, Alberto Pimenta, seguido de Pedro Tudela, Ramiro Guerreiro, Joana Bastos, Musa Paradisiaca (Eduardo Guerra e Miguel Ferrão), Martinha Maia, terminando com Isabel Carvalho, atual bolseira da Fundação Gulbenkian em Berlim.

A exposição tem um quinteto de curadoras – Isabel Carlos, Ana Vasconcelos, Leonor Nazaré, Patrícia Rosas e Rita Fabiana – e pode ser visitada até **19 de janeiro** de 2014. ■



Portas de Sharjah

Diálogo de Culturas no Museu Gulbenkian

A Sala de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian vai acolher uma exposição de peças de coleções provenientes do Emirado de Sharjah, reunindo um conjunto assinalável de mapas e de caligrafias, peças de artesanato decorativas e utilitárias, trajes tradicionais e joias.

Destaque para um núcleo de mais de meia centena de mapas antigos que dá conta de como os europeus foram registando os contornos geográficos da Península Arábica, à medida que incorporavam o conhecimento transmitido pelos marinheiros portugueses nas suas viagens a partir do século XVI. Será também apresentada uma importante coleção de caligrafias clássicas e contemporâneas do Oriente, criadas com recurso a diferentes técnicas e suportes.

Vários objetos de decoração estarão lado a lado com peças de artesanato tradicionais e de vestuário. Entre as obras do património cultural e arquitetónico, serão mostrados alguns exemplares de portas de edifícios exibindo a ornamentação utilizada desde há séculos na região (na foto).

A exposição é organizada pela Direção da Cultura de Sharjah e pela Embaixada dos Emirados Árabes Unidos em Lisboa, abrindo ao público no dia **3 de outubro**.

As atividades complementares à exposição incluem uma conferência sobre caligrafia árabe (dia 4 de outubro às 15h, Auditório 3) e um *workshop* dedicado a esta temática (dias 3, 4 e 5 de outubro). ■



Foto de ensaio © Sofia Dias

Two Maybe More

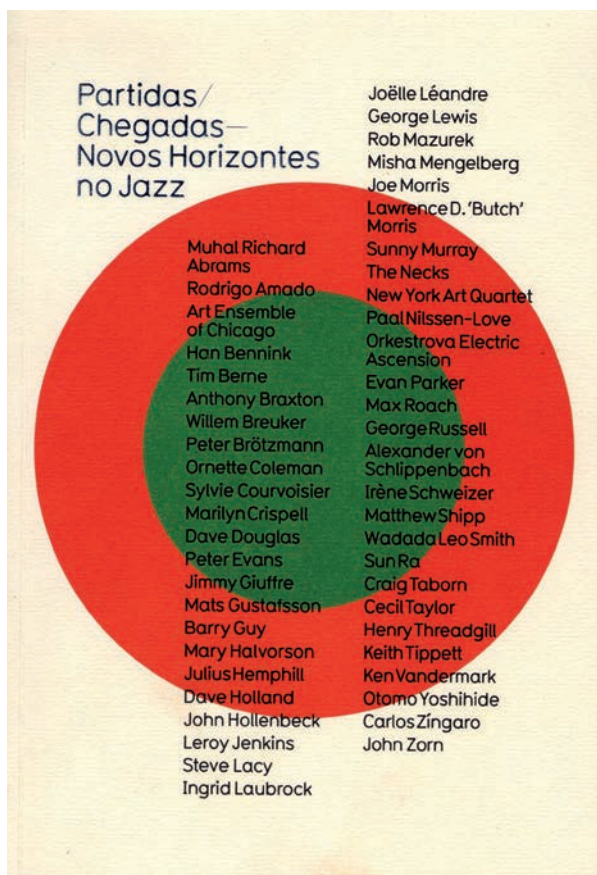
Num mundo em desconstrução, o realizador e encenador Marco Martins coloca o homem no centro da mudança, num espetáculo multidisciplinar que convoca a música, o teatro e a dança. Com estreia marcada para dia **6 de setembro**, a peça intitula-se *Two Maybe More* e abre a temporada 13/14 da Gulbenkian Música, juntando a linguagem coreográfica de Sofia Dias e Vítor Roriz, as palavras de Gonçalo M. Tavares e a música original de Pedro Moreira.

O ponto de partida é a relação de um casal com o mundo exterior, sugerida por pequenos gestos quotidianos que se desdobram e se multiplicam, e que dão corpo a uma reflexão sobre o espaço privado e o espaço público, o indivíduo e a sociedade.

A dinâmica de casal é confrontada com uma escala mais alargada de intérpretes musicais num processo de amplificação do seu pequeno universo. O Coro Gulbenkian surge como parte integrante do próprio trabalho coreográfico através não apenas das suas vozes, mas também através dos seus corpos em movimento.

Marco Martins procura, neste espetáculo, uma dinâmica multidisciplinar que alargue e ameace os territórios formais da dança, da música e, em particular, do canto. A dramaturgia é estruturada com base nas improvisações partilhadas entre os bailarinos/coreógrafos e o coro, de modo a criar reais dinâmicas de grupo que espelhem os conceitos sobre os quais a peça pretende refletir: a divisão e multiplicação das pequenas estruturas íntimas numa ordem social maior. A peça será apresentada em estreia mundial no Teatro Maria Matos no âmbito do ciclo Teatro/Música, uma parceria da Fundação Gulbenkian com aquele teatro municipal, estando previstas seis apresentações entre 6 e 14 de setembro. A peça é coproduzida pela Arena Ensemble (plataforma de criação artística, criada por Beatriz Batarda e Marco Martins) e conta com o apoio da SEC/DGArtes e a colaboração da Escola Superior de Música. ■

www.teatromariamatos.pt



50 nomes na História do Jazz

E ao fim de 30 edições de concertos, o Jazz em Agosto mostra 50 vozes em texto. Edição comemorativa do festival, *Partidas/Chegadas – Novos Horizontes no Jazz* apresenta os perfis de músicos e formações que atuaram no Jazz em Agosto ao longo dos anos, bem como uma discografia seletiva e os programas em que participaram nestas edições. Músicos que deixaram a sua marca no Jazz em Agosto e que mais se identificaram com as suas características de espaço de liberdade criativa, de improvisação e de risco.

Stuart Broomer, Brian Morton e Bill Shoemaker assinam os breves ensaios que compõem o livro, ao lado de fotografias de João Freire, Eduardo Gageiro, Jorge Gonçalves, José Manuel, Nuno Martins, Joaquim Mendes e Luís Vasconcelos. Lê-se na introdução, assinada por Stuart Broomer: “Cada um dos músicos caracterizados trabalha a partir de uma interpretação e extensão profundamente pessoais de uma tradição geral, com correntes e ligações específicas. Alguns destes músicos pertencem à primeira década do jazz moderno, os restantes surgiram ao longo de meio século e, alguns deles, nos últimos anos.”

Entre os 50 nomes apresentados podem encontrar-se músicos como Ornette Coleman, Max Roach, Cecil Taylor ou Sunny Murray, mas também John Zorn, Peter Evans, Marilyn Crispell ou Ingrid Laubrock, entre outros. Um livro que evoca muitos anos de concertos do Jazz em Agosto e que é também um testemunho da evolução e da história do Jazz. ■

OUTRAS EDIÇÕES:

A historiografia da arquitectura da época Românica em Portugal (1870-2010)

Maria Leonor Botelho

Não queirais ser Castelhana – Fronteira e contrabando na raia da Beira Baixa

Eduarda Rovisco

Tempos de mudança nos territórios de baixa densidade – as dinâmicas em Trás-os-Montes e Alto Douro

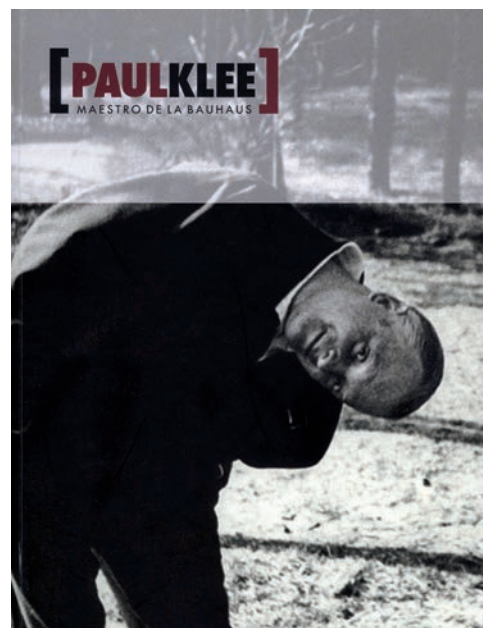
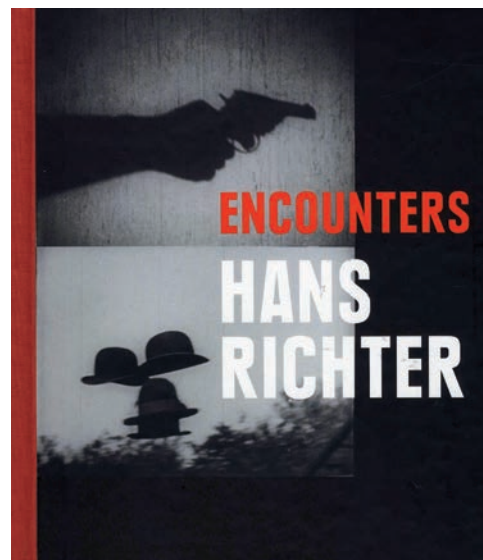
Nuno Miguel Fernandes Azevedo

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

No dia 2 de setembro, termina a exposição dedicada à multifacetada obra artística de Hans Richter (1888-1976) no Los Angeles County Museum of Art, que a organizou em parceria com o Centre Pompidou-Metz, museu no qual poderá ser visitada de 29 de setembro até 24 de fevereiro de 2014, seguindo depois para Berlim, para o Martin-Gropius Bau, onde ficará entre 27 de março e 30 de junho.

Esta exposição – que no museu francês se chamará *Hans Richter: La traversée du siècle* – pretende apresentar uma nova e diferente abordagem da obra do artista alemão que foi uma figura de destaque da cena artística das primeiras vanguardas do século XX, explorando não só a sua faceta de cineasta pioneiro na realização de filmes experimentais, como também a sua faceta de colaborador com outros artistas da sua geração, tanto na Alemanha e na Suíça, como, depois, nos Estados Unidos, para onde partiu em 1940. Ao lado de cerca de 150 trabalhos de Richter – filmes, pinturas, desenhos, fotografias – expõem-se igualmente obras de, entre outros, Jean Arp, Mies van der Rohe, Marcel Duchamp, Fernand Léger, Alexander Calder e K. Malevich, com quem ele manteve frutuosas e criativas colaborações artísticas. Para acompanhar a exposição foi publicado um livro – na Biblioteca de Arte pode consultar-se a versão inglesa – onde se abordam não só os “encontros” criativos de Richter e de que modo eles o influenciaram, como também as relações entre toda uma geração que marcou a criação artística da primeira metade do século passado. O livro, para além de numerosas imagens, contém ainda uma filmografia completa e uma bibliografia selecionada. ■

Nascido em Berna no seio duma família de músicos, Paul Klee (1879-1940) foi um dos professores da Bauhaus, escola de artes aplicadas fundada por Walter Gropius na cidade alemã de Weimar, em 1919. O título da exposição que a Fundación Juan March (Madrid) organizou em estreita colaboração com o Zentrum Paul Klee (Berna) – e que até 10 de novembro pode ser visitada na Stiftung Bauhaus Dessau – remete exatamente para os anos de prática pedagógica do pintor suíço naquela escola, entre 1921 e 31. Nesses anos, a linguagem pictórica de Klee consolidou-se, refletindo a sua pintura e o seu ensino as observações do estudo da natureza e a revelação dos seus princípios estruturais e criativos. A exposição que foi mostrada em Madrid reuniu 137 trabalhos de Klee e foi concebida a par da transcrição, estudo e edição crítica do “legado pedagógico” de Klee – cerca de 4000 páginas manuscritas onde o pintor anotou as suas investigações e reflexões teórico-práticas – pelas duas curadoras, Fabienne Eggelhöffer e Marianne Keller Tschirren, que são também as responsáveis por esse trabalho no Zentrum Paul Klee. O catálogo – que tem uma versão inglesa –, dividido em três partes com vários ensaios das curadoras, apresenta na terceira as obras de Klee sob os temas de “Ritmo”, “Cor”, “Natureza”, “Movimento” e “Construção”; completam-no uma cronologia ilustrada, a lista das obras expostas – que também são reproduzidas a cores – e uma bibliografia. ■



Centro de Arte Moderna

Gustave Flaubert

La Légende de Saint Julien L'Hospitalier

Em 1912, durante umas férias de verão em Pont-l'Abbé, na Bretanha, Amadeo de Souza-Cardoso ilustrou obsessivamente o manuscrito de um conto de Flaubert, *A Lenda de São Julião Hospitaleiro* (1877). O imaginário medievalista desta história, inspirada nos vitrais da catedral de Ruão, deu origem a uma ópera em Paris cujo sucesso público chegou aos dias de Amadeo e cuja ilustração atraiu importantes artistas, como Pissarro. No entanto, a luxuosa versão de Amadeo impõe-se pela sua singularidade, ao experimentar novas soluções gráficas na relação do texto e imagem, em tudo pioneira entre os primeiros livros de artista do modernismo, classificação geralmente atribuída à ilustração de *L'enchanteur pourrissant* por André Derain (1909) e de *La Prose du Transsibérien* (1913) por Sonia Delaunay, amiga de Amadeo.

Ao contrário dos outros artistas vanguardistas, em cujo círculo estava integrado, Amadeo marcou a diferença ao optar por não escolher um poeta contemporâneo, mas um texto do século anterior, que ilustra como um opulento códice medieval, ao longo de 143 fólios e 83 ilustrações, caligrafando o texto a vermelho e negro e preenchendo as margens com ornatos coloridos. Junta assim provocatoriamente duas esferas que as ortodoxias artísticas julgavam incompatíveis: a exaltação do passado mitológico (dos bestiários, paisagens mágicas, cavaleiros e o simbolismo heráldico) e a constelação de alusões ao presente, invocando invenções formais do cubismo, futurismo, dos *ballets russes* e dos “primitivos

modernos”, misturando citações de obras suas e dos seus pares, inventando motivos que usaria na pintura.

Se, ao contrário da grande tiragem do álbum de desenhos que lança pouco antes, o exemplar único de *La légende* foi um fracasso comercial e crítico, não deixou de ser decisivo no seu percurso artístico, convencendo finalmente a família da sua vocação. Julga-se ter sido a sua mulher que comprou esta obra em Paris, doando-a depois ao CAM, que, reparando uma injusta invisibilidade durante décadas, publica uma versão fac-similada do manuscrito (2006), com ensaio de Maria Filomena Molder. ■

Afonso Ramos

Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)

***La Légende de Saint Julien L'Hospitalier*,**

Bretanha e Paris: 1912

Texto de Gustave Flaubert, Paris: Charpentier, 1877

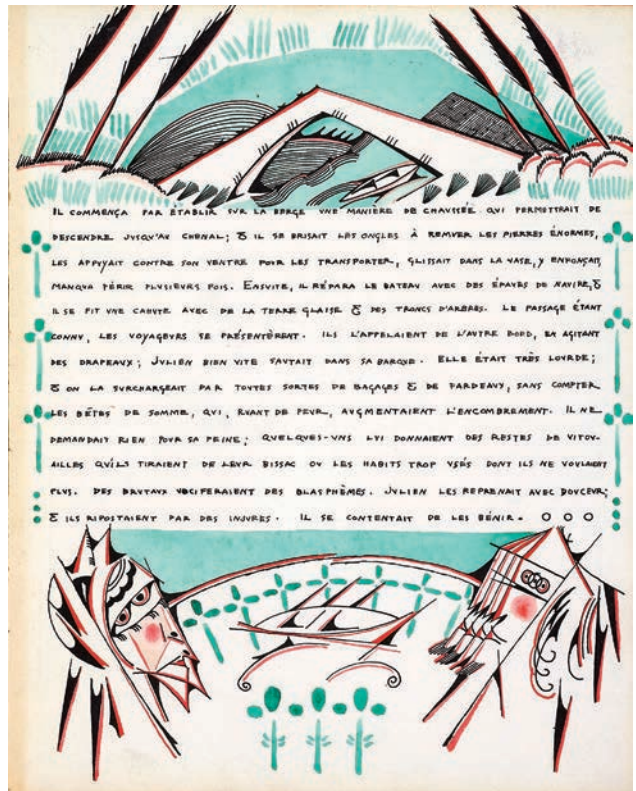
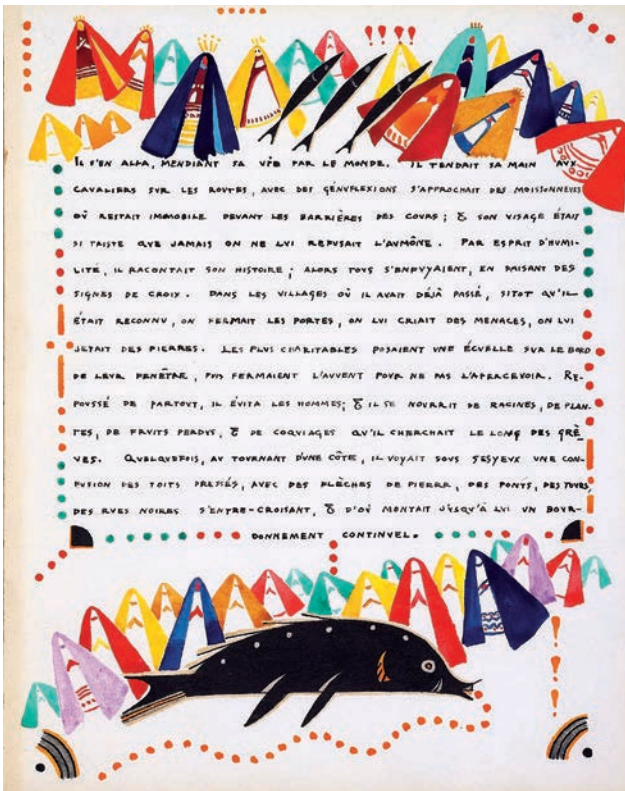
Exemplar único caligrafado e ilustrado pelo artista.

143 fólios (83 ilustrados) montados em carcelas, aguarela, guache e tinta da China sobre papel de trapo, com a marca de água “Whatman 1912 England” em alguns folios
27,40 x 23,50 x 4 cm

Col. CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Inv. DP1822. Doação de Lúcia de Souza-Cardoso

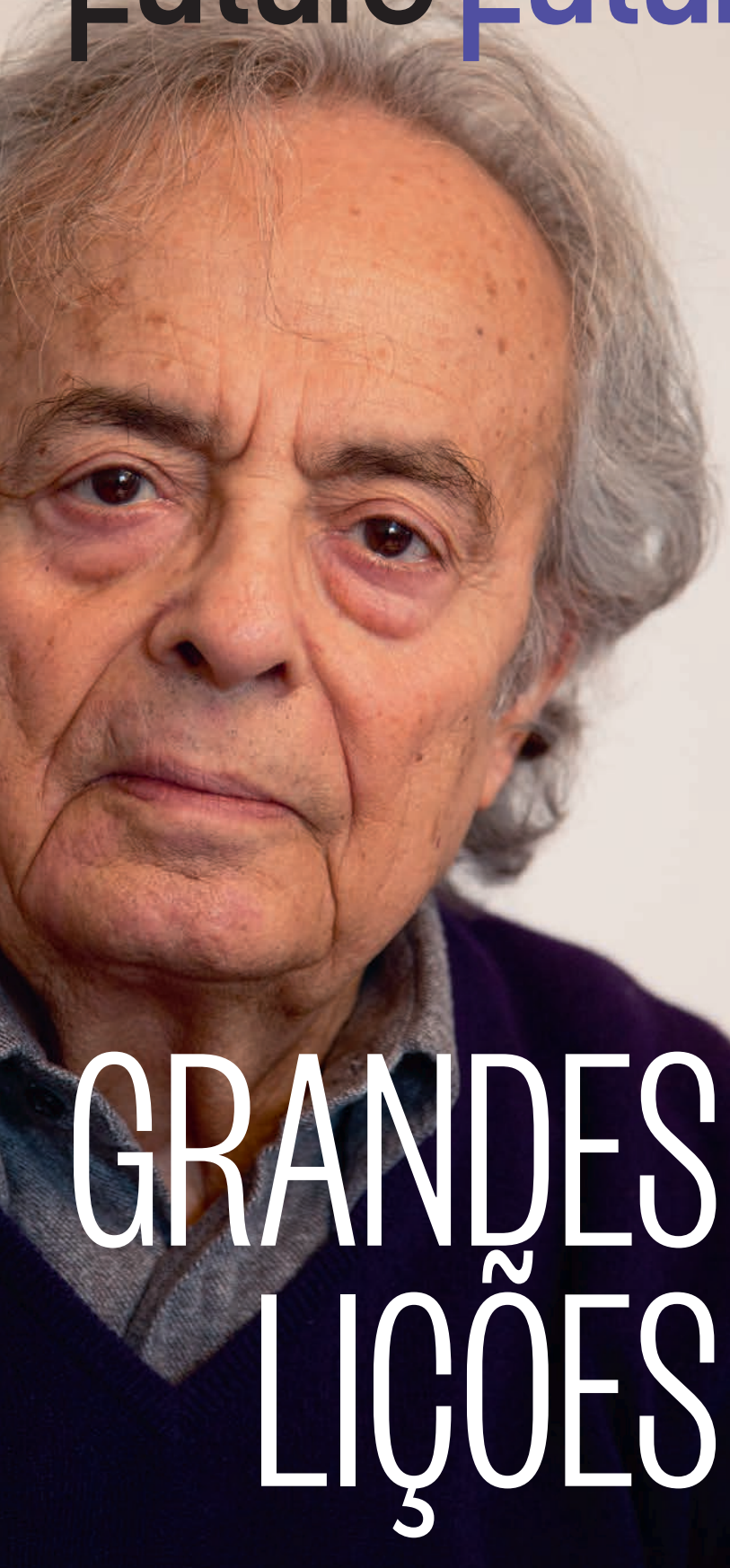
FLAVBERT



Próximo Next futuro future



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



COM O POETA SÍRIO
ADONIS
E O ESCRITOR BRASILEIRO
MILTON HATOUM

**21 DE SETEMBRO
DE 2013** (SÁBADO),
ÀS 15H00, NO AUD. 3
DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
(A ENTRADA É LIVRE E HÁ TRADUÇÃO SIMULTÂNEA)

A ESTAS CONFERÊNCIAS SEGUIR-SE-Á
O LANÇAMENTO DO VOL. 2 DAS
“GRANDES LIÇÕES (2010-2011)”

MAIS INFORMAÇÕES:
WWW.PROXIMOFUTURO.GULBENKIAN.PT

GRANDES LIÇÕES

